

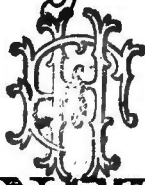




Do espirito scintillante do Helton Cordeiro
homemagem dada

TAVOLA DO BOM HUMOR

28-7-923.



SONETOS

MARANHENSES



1923

IMPRENSA OFFICIAL
S. Luiz—Maranhão

AO MARANHÃO, NOSSA TERRA,
PELA MEMORIA DE ANTONIO
LOBO, SEU FILHO ILLUSTRE.

HOMENAGEM
DA
TAVOLA DO BOM HUMOR

AO LEITOR

Sahem, agora, em segunda edição, os SONETOS MARANHENSES, como preito de desinteressada homenagem ao centenário da adesão do nosso Estado, em 28 de julho de 1823, á independencia politica do Brazil.

A primeira edição fizemo-la, o anno passado, para festejar o centenário do grande feito do Ypiranga em 1822.

O Leitor bem compreenderá o nosso intuito, não enxergando nisto uma exploração commercial, mas tam somente o desejo de servirmos a nossa terra na sua memoravel data.

Mais. Nesta edição, augmentada de mais outros trabalhos, o Leitor encontrará algumas substituições de sonetos, pois que assim o entenderam os seus auctores, saindo, este volume, por isso mesmo, expurgado de incorreições que se deram a quando de seu apparecimento.

Resta-nos, todavia, agradecermos á imprensa do paiz a maneira carinhosa pela qual se houvera externado, a respeito deste livro, ao ser publicado; e, aqui, nestas linhas, lhe fica a homenagem de nossa gratidão, assim como a Ss. Excs. Dr. Godofredo Vianna, Presidente do Estado, Dr. Raul Machado e Commandante Magalhães de Almeida, Deputado Federal, e á Camara Municipal de S. Luiz pelos inestimaveis auxilios que nos prestaram para este modesto empreendimento.

Maranhão, julho, 1923.

CYPRIANO MARQUES DA SILVA

EDER SANTOS

JOSÉ AUGUSTO VIEIRA DOS REIS

ARNALDO DE JESUS FERREIRA

CHRYSOSTOMO DE SOUZA

JOAQUIM DE SOUZA MARTINS

JOSÉ DE RIBAMAR TEIXEIRA LEITE

Antes dos versos

Reunindo neste livro cento e sessenta sonetos de auctores maranhenses a partir de Odorico Mendes, por ser o mais velho, nascido em 1799, intuito outro nos não moveu senão o de concorrermos, embora modestamente, á commemoração do Centenario da emancipação politica do Brazil, para o que o Maranhão, em parte, cooperou, adherindo, em 1823, a 28 de julho, como uma das mais brilhantes unidades da Federação Brasileira.

Publicação de tal jaez já se não acolhe como novidade no grande mercado litterario braziliense. Antes desta, vae para notar a dos SONETOS BRAZILEIROS, compilada escrupulosamente pelo illustre escriptor Sr. Dr. Laudelino Freire. Antes, porém, desse notavel empreendimento do Sr. Dr. Laudelino Freire, já em nossa terra houvera apparecido, por volta de 1862, o PARNASO MARANHENSE enfeixando, num só volume, trabalhos poeticos de notabilissimos conterraneos.

O que, todavia, não pudemos conseguir duma assentada, tal a prestesa deste trabalho por nos não havermos de maiores vagares, fôra a bibliographia exacta de todos os auctores para aqui congregados, visto que a de muitos ainda se não aclarara. Acontece o mesmo quanto ás suas photographias, custando-nos demasiado encontra-las, sendo que outros não nas deixaram. Deste modo reportamo-nos apenas a colligir as suas producções, reunindo-as neste volume que muito mais vale pelas harmonias extranhas, que desborda, do que pelo esforço nelle consumido por os que o organizaram.

Entrementes, não se completou, pois para tanto ainda lhe faltam producções desse genero de poetas distinctos como

VI

Dias Carneiro, Celso Magalhães, Gentil Braga, João Affonso do Nascimento, Pedro Ayres, Alfredo Galvão, Miguel Marques, Trajano Galvão, Flavio Belleza, Lima Barata, Euclides Arantes, Ovidio da Gama Lobo, Francisco José Sabbas da Costa, Goetz de Carvalho, Dona Maria Firmina dos Reis, Alvares Pereira, Oscar Galvão, e outros dos quaes encontramos somente poesias longas, incompativeis com a nossa publicação. Si tal o praticaram, pelo menos nada a respeito colhemos nas excavações que fizemos. E si, entretanto, alguém possui ou tenha conhecimento de alguns sonetos de aquelles maranhenses, seria o obsequio indicar-no-los, para que possamos emendar a mão, ainda em tempo, si este livro, por ventura, chegar á segunda edição.

Deixamos, tambem, de enfeixar aqui sonetos de alguns moços e de alguns velhos. Mas se fossemos a publicar todo e qualquer que se nos deparasse, este livro tomaria proporções assustadoras de chamiços para fogueira. Pois que de garavatos e bagaceiras, estamos fartos !

Ha, comtudo, muita farfalhada e frioleira, tanto do passado como do presente ! Leve-se-nos em conta, por isso, dado o objectivo deste livro. A ver, que nos temos plenamente explicado. Não ostentamos fins pecuniarios, ou, melhor, não temos intuitos de ganhar dinheiro. Não somos mercenarios, nem commerciantes.

Torna-se-nos mister algo dizermos sobre que venha a ser a Tavola do Bom Humor. E' uma sociedade littcro-humorística, fundada em 1920, onde se congregam agermanados varios rapazes que se dão ao trato das letras patrias, cultivando-as sem azumbalhar meritos que os não possuem. O seu ideal é trabalhar sem que pareçam vaidosos por semelhante feito. O "Diario de S. Luiz", de 27-1-1922, pela pena brilhante do jornalista prof. Nascimento Moraes, ajuizara sobre a Tavola da seguinte maneira: "A Tavola do Bom Humor é, de facto, um exemplo para a mocidade estudiosa de nossa terra. E' um exemplo pela sua emancipação moral e intellectual, é um exemplo pela administração e ainda é um exemplo pelos resultados que colhem os que a incorporam, com denodo, valentia e notavel dedicação. Os da Tavola fazem prodigios num

meio como o que vivemos, sem estímulo, sem gosto litterario, empolgado por uma criminosa apathia que aborrece”.

Mais, porém, do que dissera o illustre plumitivo, não precisamos de allegar. E isto constitue já para nós uma vaidade o sermos julgados talqualmente o somos, conscios da nossa pouca valia. Dahi só em nós palpita o desejo de sermos uteis á nossa terra e á nossa gente, nalguma cousa de que nos possa resultar o encomio de uns e o espedrejamento de outros, esses que, sem capacidade de trabalho, sem' algo produzirem, investem não raro contra todos os que perseveram com fé e coragem, trabalhando, porque, na phrase de Antonio Lobo, a coragem tudo vence e a fé tudo premia.

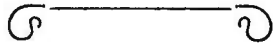
Eis o motivo deste trabalho como diminuta contribuição do nosso grande esforço ás gloriosas festas da independencia do Brazil.

Acham-se, portanto, reunidos aqui, cento e sessenta aedos maranhenses, alguns completamente desconhecidos, mas todos vibrando em coro a mesma harpa altisona num só concerto imprevisto e maravilhoso.

Para consegui-lo, dispendemos uma grande somma de energias. Que nos julguem, pois, por tamanho arrojo.

S. Luiz — agosto — 1922.

(Da 1.^a edição).



1840--1922

LUIZ NAPOLEÃO

Medroso ante a miserrima Veneza,
Depois que em Solferino triumphaste,
A Italia, que accendeste, abandonaste;
Infamia eterna, perfida baixesa !

A teu carro a Sardenha atada e presa,
Com todo o continente a malquistaste,
Austria illudiste, Roma atrahioaste,
E tens a Europa toda na incerteza.

Mentes ao Papa, mentes á Inglaterra
Que já nos paroxismos da amizade,
As queixas guarda e se apparelha á guerra.

Despresas, Bonaparte, a humanidade,
Volves do Inferno, Luiz Onze, á terra...
Oh ! poço de falacia e de maldade !

Odorico Mendes.

A' ESPOSA

Se lá na eterna gloria a que voaste,
A lembrança do mundo se consente,
Acceita, alma piedosa, a dor pungente
De tudo quanto aqui idolatraste:

O esposo, a filha, os filhos que deixaste,
Em maguas e saudade permanente,
Vivem na terra vida descontente
Dês que as corporeas vestes tu largaste.

Ao seio de Deus, tornas radiante
De virtude e bondade, qual sahiste
Immaculada de nascer no instante.

A nós queixosos neste valle triste
Volte-te como foste sempre amante,
Porque entre nós só amargura existe.

Sotero dos Reis.

SONETO

Baixel veloz, que ao humido elemento
A voz do nauta experto afoito entrega,
Demora o curso teu, perto navega
Da terra onde me fica o pensamento !

Emquanto vaes cortando o salso argento,
D'esta praia feliz não se desprega
(Meus olhos, não, que amargo pranto os rega).
Minh'alma, sim, e o amor que é meu tormento.

Baixel, que vaes fugindo despiedado
Sem temor dos contrastes da procella,
Volta ao menos, qual vaes tam apressado.

Encontre-a eu gentil, mimosa e bella !
E o pranto que ora verto amargurado,
Posso eu então verter nos labios d'ella !

Gonçalves Dias.

AMO-TE

Eu, que dobrei qual verde branda vara
Dos desertos ao vento, e da yerdade
Do amor e d'esta doce liberdade
Sacrifiquei descrente á terra amára.

Amo-te ! — Se soubesses a saudade
Que dos risos se tem... Oh ! doce e cara,
Volve os teus verdes olhos com piedade,
Como a virgem dos céus, consola e ampara !

Vem, como o anjo, que se vê descido
Sobre o tumulto alvar, nevi-luzentes
Meigas azas abrir ! Vem ! que é perdido

O veneno da flor ! — Hoje, innocentes
Perfumes solta o lyrio anoitecido
A's auras dos jardins frescas e olentes !

Joaquim de Souza Andrade.

A LEI E O DIREITO

(BLANCO GUARTIN)

“Sou vossa filha, entretanto o mundo
Clama não ser igual nosso destino
Pois procedeis de um tronco que é divino
E que eu procedo do paul immundo”.

Assim falou a lei. Meditabundo
Lhe respondeu o padre peregrino:
— O que se diz não é um desatino
Tal juizo contem razão no fundo...

Descendo da verdade esclarecida,
Vivo junto de Deus no assento ethereo,
Goso a luz immortal, eterna vida;

Mas um dia liguei-me com mysterio
A’ justiça dos homens fementida..
E o fructo tu és deste adulterio !

Joaquim Serra.

A ESBELTA

A Esbelta, o alvo dos suspiros nossos,
E' fada vaporosa, é flor das flores;
Em vez de corte, vestem-na vapores,
E' leve a rapariga, só tem ossos.

Os caniços do lago são mais grossos
Que as canellas gentis dos meus amores;
Tem nas lindas bochechas menos côres
Que a secca mumia quando sahe dos fossos.

Ah ! ditoso mancebo, em ti prometto
Que se hoje, noivo, tremulo desmaias,
Beijando a anagua que te envolve o espeto,

Talvez quando marido, morto caias
Vendo surgir o pallido esqueleto
Da espessa nuvem de umas oito saias.

Antonio Joaquim Franco de Sá.

SONETO

Volvem-se as horas no correr dos dias,
Muda-se a luz em tenebroso manto !
Torna-se o goso, o perennal encanto,
Mudos phantasmas e visões sombrias.

Calam-se os rios nas banaes folias,
E após instantes lhes succede o pranto !
Gela-se o fogo de um sentir mais santo
Entre as paredes, do sepulchro, frias.

Dos lindos traços da belleza ingente
Torna-se o quadro tam mimoso em breve,
Sem mais contornos de expressão luzente !

E o peito amigo que por elle teve
O fogo, a chamma de um amor ardente,
Fica gelado ao gottejar mais leve.

M. A. Pinto de Sampaio.

FLOR E AMOR

Como a flôr arrastada na corrente,
Vae nas ondas sozinha navegando,
Ha de parar, bem vês, forçosamente,
Onde as aguas a levam desfolhando.

Se uma pulchra donzella acaso a achando
No collo virginal guarda-a innocente;
A florzinha ao calor de um seio arfando,
Morre, deixando o seu perfume olente.

Assim, quizera eu ter igual destino:
Vagar, soffrendo as maguas deste amor
Que me tem sido atroz e assaz tigrino.

Morresse eu muito embora em louco ardor
Mas, deixasse em teu collo peregrino,
A impressão do meu beijo, oh ! linda flôr !

Commendador Antonio A. Rodrigues.

A MORTE DO REDEMPTOR

Quando Jesus no ultimo lamento
As campas abalou e a pedra e o monte,
Adão, cheio de susto e sonolento,
Do sepulchro surgiu — ergueu a fronte.

Lançando os olhos turvòs no horizonte,
Ao ver tamanho assombro poz-se attento:
D'esse prodigio quiz saber a fonte,
Quem era que na cruz via sangrento.

Logo que soube o caso lastimoso,
Maldizendo o infeliz a negra sorte,
Afflicto cobre o rosto, pesaroso.

E voltando-se á timida consorte,
Assim diz soluçando, em ar queixoso:
Por ti eu dei ao meu senhor a morte !

Antonio Marquês Rodrigues.

NO MAR

(NUM DIA DE ANNOS)

Vôa, suspiro meu, transpõe os mares,
Chega de Lísia á plaga afortunada,
De Natércia gentil chega á morada,
Interprete vai ser dos meus pezares.

Quando nas niveas faces tu pousares,
Beija primeiro a bocca nacarada,
Dize depois, quam triste, amargurada
A vida passo entregue a mil azares.

Ah ! não escondas quanto no peito
Lavra com força atroz melancholia,
Da saudade cruel pungente effeito !

Dize, que beijos mil Josimo envia,
E o protesto de amor outrora feito,
Lhe renova em louvor d'este almo dia.

Eduardo de Freitas.

SONETO

Mal o bater monotono dos remos
A cruel separação trouxe a lembrança,
Pareceu-me fugir toda a esperança,
O fado já cumprir que todos temos; ;

E como assim não ser, quando nós vemos,
Dos miseros humanos que a balança
Repleta ~~é~~ só/dor, e sem lembrança, *de*
Os infindos pezares que soffremos !

Deus, oh ! Deus, permitti que eu breve veja
Aos mortaes que mais présa nesta vida
E que a rever minh'alma tanto almeja.

E quando remorder-me lá do fundo,
Das saudades o dente com agudeza—
Receba ella somente o ai profundo...

Caetano de Brito de Souza Gayoso.

SONETO

Quam bello o sol resurge no Oriente !
Quam risonha se mostra a natureza !
E esse monstro, a cruel, negra tristeza,
Me aperta o coração, me enluta a mente.

Voi um dia, outro vem alegremente,
Ostentando aos mortaes nova belleza,
Só eu, ente infeliz, de angustias presa,
Chorando passo a vida amargamente.

E que vale chorar ? os meus lamentos
Não movem compaixão ! que desventura,
Findarão só com a vida os meus tormentos !

Oh ! mofina existencia, oh ! sorte dura !
Vem, oh ! morte, acabar meus soffrimentos,
Vem mostrar-me o caminho da ventura !

Antonio Manoel Carvalho Oliveira.

O MEU SONHO

•

Vi-a em sonhos purpurina e bella,
Qual no vergel a rubicunda rosa,
Vi-a no rosto e no trajar mimosa,
Dos ceus julgando-a fulgurante estrella !

Amor ardente senti logo ao ve-la !
Com alma presa, de ambição vaidosa
Vaguei incerto, como a mariposa,
Louco aos encantos da gentil donzella...

Se acaso um riso divinal, fagueiro,
Leve corria pelos labios seus,
Nelle ideiava o meu porvir inteiro.

Mas, ah !... que acordo sem querer, meu Deus,
Foi-se com o sonho meu fiel luzeiro..
Fanou-se a esp'rança dos amores meus...

Raymundo Valentiniano Moraes Rego.

SONETO

Se é triste na prisão negra horrorosa,
Viver-se sempre a sós e abandonado;
E quebrando a solidão, descompassado
Erguer-se o suspirar de ave saudosa;

Se é triste na mudez da noite umbrosa
Do rijo bronze ouvir-se o som pesado,
Carpindo a infausta sorte do finado,
De quem breye existencia foi ditosa;

Se é triste o turvo mar e ceus nublosos
De tempestade ver-se entre os horrores,
Bramidos e clarões soltando irosos;

Mais triste é ver teus olhos seductores
Baixarem-se, negando-me impiedosos
Um suave volver, volver de amores. ,

Raymundo Alexandre Valle de Carvalho.

PERFIDA

Perfida, que por outro me deixaste
Pois que os teus juramentos esqueceste;
E os votos de ser minha que fizeste
Tam depressa, mudando, quebrantaste.

Estou certo que a mim, tu nunca amaste,
Pura mentira foi quando disseste;
Facil no prometter, tu prometteste,
E, facil no faltar, tu me faltaste !

E' proprio da mulher ser inconstante,
Por tanta ingratição mal não te quero,
E nem é isso coisa que me espante.

Despresa o meu amor puro e constante,
Vai, segue os passos do teu novo amante,
O tempo ha de vingar-me assim espero !

Severiano Antonio d'Azevedo.

SONETO

Aparta-te de mim, doce lembrança,
Não venhas revoltar-me a phantasia,
Deixa meu coração como algum dia
Repousar em pacifica bonança;

Se até agora phantastica esperança
Com falsas illusões me enlouquecia,
Hoje olhando a razão, que eu já não via,
Hei de todo perdido a confiança.

Já me não compadece o duro Fado
Que adore, que idolatre a Jonia bella,
Nem consente que eu seja afortunado...

Por influxo fatal de opaca estrella,
Seus mimos divinaes, seu terno agrado,
Outro gosa, ai de mim, nos braços d'ella !

José Pereira da Silva.

NÃO...

Quando valsas, Nenem, teu pé mimoso
Pisa com tanta graça sobre as salas,
Que todo atrapalhado eu fico em talas,
Em face d'esse pé tam buliçoso !

O timbre de tua voz tam mavioso
Causa tal impressão quando me falas,
Que me parece ouvir lindas escalas
De um estudo apurado e caprichoso !

Esse terno volver dos olhos teus
Revelando fiel tudo que sentes,
Encandeia-me a vista e fere os meus.

Mas... todos esses dotes excellentes
Não compensam o pezar (oh ! Santo Deus !)
De ver, quando sorris, que não tens dentes !

TRANSEAT

Tu és dona de mim, tu me pertences,
E neste delicioso captiveiro,
Não queres crêr que, injusto e bandoleiro,
Possa eu noutra pensar, ou noutro penses...

Doce cuidado meu, não te convences
De que tudo na terra é passageiro,
Friolo, fértil, rápido, ligeiro...
E a pertinácia do erro teu não vences !...

Um bello dia—has de tu ver !—desaba
Esta velha affeição, funda e comprida,
Que toda gente nos inveja e gaba...

Choras ? para que lagrimas, querida ?
Naturalmente o amor também se acaba,
Como tudo se acaba nesta vida...

Arthur Azevedo.

ULTIMO BEM



Vôa, minh'alma, ás santas regiões,
A este corpo cançado dá descanso,
Que no mar d'esta vida os vagalhões
Só procuram afastal-o do remanso.

Flor ainda em botão, tombei no abysmo,
O tufão arrojou-me na torrente,
Com frouxo gargalhar e com cinismo,
Da hastil desprendeu-me eternamente.

Reviver minhas pet'las, quem podéra ?
Da planta, pelo inverno, arrebatadas,
Nem o frescor da eterna primavera !

Deixa que vá á sombra do cypreste
A' frescura gosar das madrugadas,
A flor que do tufão não protegeste !

Maria Azedo Mattos.

SONETO

Na selva: que suavissima frescura
A' sombra d'estas selvas magestosas !
Pelas palmeiras altas, vigorosas,
Enrosca-se a baunilha verde-escura.

A' beira do riacho que murmura,
Passam soprando as brisas sonoras,
E as saracuras timidas, medrosas,
Vão fugindo a cantar pela espessura.

Ha nos bosques um mundo de poesias !
Quantas scenas de amor ! quantos carinhos
A' sombra desta densa ramaria !

São poetas tambem os passarinhos...
Elles cantam com muita melodia,
E poemas de amor são os seus ninhos !

José Pereira Leite.

1800
AO INFORTUNIO

O presente, o porvir que serve ao triste
Recordar o que foi, que importa agora,
Se o destino lhe afasta a linda aurora
Da esperança, que n'elle não existe ?

A esperança pr'a quem já não resiste
O mal que avulta o peito, d'hora em hora,
E' chimera não já fascinadôra,
Genio da dôr que ao moribundo assiste !

Não podes rezistir da sorte o damno,
Por te faltar talvez um bom amigo
E o destino te impôr tam soberano ?

Quem quer que sejas, une-te commigo !
Se bem não abriga a dôr um sêr humano,
Na campa encontrarás perenne abrigo !

Joaquim Antonio Pinto Lisbôa.

TERRA AMADA

E's, minha terra, a Deusa dos palmares,
em cujo seio riquezas ha tamanhas,
guardadas nas torrentes, nas montanhas;
és mais, sorvendo as brisas de dois mares,

firme na paz, altiva nas campanhas,
a quem a lyra eterna, em seus cantares,
relembra, diffundindo pelos ares,
de teus filhos heróes altas façanhas.

Por ti, fitando as luzes do Cruzeiro,
minha terra de ceu de infindo anil,
nas mãos suspendo o lábaro altaneiro,

e do cimo elevado do alcantil
assisto o povo illustre brasileiro
vir commigo dizer: Viva o Brazil.

Francisco Castro.

O AMOR MODERNO

Dizem que o Amor, senhora,
Anda de olhos vendados;
Lenda dos tempos passados
Ou fantasia de outr'ora.

De olhos bem acordados
Eu vejo muitos agora,
Que andam de hora em hora,
Conquistando os descuidados.

E um que eu conheci,
Tam gamenho e tam catita
Risonho a mais não poder,

Voluvel qual colibri,
Era uma cara bonita,
De uma faceira mulher.

Raymundo Vieira Nina.

MANHÃ DO NORTE

Manhã do norte ! Quanto és linda e bella
irisada de luz ! Quanta alegria
com teu sol fulgurante que irradia
de sublime belleza tantas tela !

Não tens das nevoas a sombria umbella
que o sol occulta, e esta algidez doentia
que o coração e a alma nos esfria
com esta temperatura que enregela.

Oh ! Quanto a natureza n'esta plaga
é diversa da nossa ! E quanto esmaga
a quem n'outra viveu e a não esquece !

O teu sol que illumina bemfasejo
a tudo affaga com seu ardente beijo
e a nossa vida com sua luz aquece !

Barbosa de Godois.

SONETO

Calcula, minha amiga, que tortura !
Amo-te muito, muito, e, todavia
Preferira morrer, a ver-te um dia
Merecer o labéo de esposa impura.

Que te não mova nunca esta agonia;
Que te não entorneça esta loucura,
Que eu muito soffra porque és casta e pura
Que, si o não foras.. quanto eu soffreria !..

Ai !.quanto eu soffreria, si alegrasses
Com teus beijos de amor meus labios tristes,
Com teus beijos de amor as minhas faces !

Persiste na moral em que persistes !
Ai ! quanto eu soffreria se pecasses...
Mas, quanto soffro mais porque resistes !

Aluizio Azevedo.

NA TASCA

Dentro, na esconsa mesa, onde fervia
Fulvo enxame de moscas sussurantes,
Num raio escasso e tremulo do dia,
Espanejando as azas faiscentes,

Vi-o: — bebedo estava, e inebriantes
E capitosos vinhos mais bebia,
E em tedio, como os fartos ruminantes,
A larga bocca estúpido movia...

E eu pensativo, eu pallido, eu descrente,
Approximei-me do ebrio com tristeza,
Sem elle o quasi presentir siquer;

E vi: — seu dedo, aos poucos lentamente,
No vinho esparso, que ensopava a mesa,
Ia traçando um nome de mulher...

Raymundo Corrêa.

EMBRIAGUEZ DE SANGUE

Oh ! quando as tuas mãos, brancas, electrizadas,
Despenham-te em anéis, em turbidas torrentes,
Do teu cabello escuro as tranças refulgentes,
Da lisa anca aos pés mollemente espalhadas;

Quando os dedos febris estalam-te frementes,
O cinto do corpete, as fitas enlaçadas,
E deixando cahir-te as roupas perfumadas,
Desvendam-te a nudez das formas eloquentes,

Um halito de fogo o peito me despede;
No secco, árido labio, a falla se me impede;
Profunda embriaguez os meus sentidos toma;

E enquanto sobre mim o teu olhar agudo
Vibra como um punhal, — eu, immovel e mudo,
Respiro do teu sangue o caloroso aroma.

Theophilo Dias.

SER MÃI /

Ser mãe é desdobrar fibra por fibra
O coração ! Ser mãe é ter no alheio
Labio, que suga, o pedestal do seio,
Onde a vida, onde o amor cantando vibra.

Ser mãe é ser um anjo que se libra
Sobre um berço dormido ! E' ser anseio,
E' ser temeridade, é ser receio,
E' ser força que os males equilibra !

Todo bem que a mãe gosa é bem do filho,
Espelho que se mira afortunada,
Luz que lhe põe nos olhos novo brilho !

Ser mãe é andar chorando num sorriso !
Ser mãe é ter um mundo e não ter nada !
Ser mãe é padecer num paraíso !

Coelho Netto.

VACUO

Não sei se pode haver padecimento
Mais profundo, mais intimo e que tanto
Nos ponha nalma a dor que gera o pranto,
Do que um longo e tristonho isolamento.

Não ter um bem siquer no pensamento,
Nem calor de um lar, nem o encanto
De um amor de mulher suave e santo
E' viver sem nenhum contentamento.

Bem sci que é bom soffrer, e me parece
Que esta vida sem dor nada seria
E que é por isso até que se padece.

Mas esta solidão continua e fria
Chega a ser tam cruel, que a não merece
Meu coração que a dor mereceria.

Adelino Fontoura.

CARMES

Para galgar a estrada tortuosa
Que vem do berço ao fim da vida breve,
Eu sinto que me falta a côr de neve
Da rosea tua face setinosa.

O destino inclemente, por nodosa
Aspera linha a vida me descreve;
Mas tu só, branco amor, tu podes, leve
Tornar-me a falsa culpa deleitosa.

Depois de tanto soffrimento duro,
E dos vaes-vens de um pélagos de abrolhos
Pela falhada luz do rosto escuro,

Dos bons e maus, eu, lastimado ser,
Volve-me tu, divina, os pios olhos,
E acompanha-me neste atroz viver.

Hemeterio dos Santos.

QUEDA DE UM COLOSSO

(ALLUSIVO AO FALLECIMENTO DE CARLOS GOMES).

Como nas mattas o carvalho annoso
Rola por terra ao vendaval que veio,
Como nas rochas bate forte, em cheio,
O lenho nobre, soberbo e alteroso;

Como das nuvens, o condor vaidoso
Cahe, para sempre, da lagôa em meio;
Como deixa o astro da attracção o seio,
Tombando pelo espaço mysterioso...

Elle baqueou tambem. E atroadora
Foi sua queda. Como a ventania
Que passa estremecendo, aterradora,

A lembrança desse Deus da harmonia
Repercutindo vai, esmagadora,
Pela Patria que tanto estremecia.

Augusto Britto.

OLHA-ME

Olha-me... Eu quero ver a luz brilhante
Do teu olhar de estrella matutina,
Dando-me á alma a crença purpurina
Como se fosse a Beatriz de Dante.

Erra no teu olhar a luz brilhante
Do olhar de Laura, a musa florentina
De Petrarca... Mas, como és tu divina
Para eu querer amar-te a todo instante !

Como serias má, se me fugisse
A luz do teu olhar eternamente
Quando a buscasse ver e não mais visse.

Porque essa luz me anima e me arrebatada
A' bella unção do mais sublime crente,
Furta á saudade toda a dor que mata.

Pacifico Bessa.

O FERREIRO

Dardeja o sol em cheio na calçada,
espelhando-se em lisa cantaria,
o seu olhar de fogo que irradia
chyspas de luz intensa; avermelhada.

A rua vai ficando socegada
e deserta nessa hora. A burguezia
deita-se á sesta, que o calor do dia
é de rachar e prosta-a fatigada.

Esta mimosa e branca e fina gente
resguardada da calma em transparente
sombriinha vai depressa para casa;

enquanto fica um homem no trabalho,
junto da forja accesa a dar com o malho
varias conformações ao ferro em brasa.

João F. Gromwell.

SONETO

Eu gostava de Lia — uma creança
Que passava as manhans a colher flores,
Só nutria comsigo uma esperança
Queria ser feliz nos seus amores.

Muitas vezes lhe disse: “Bella Lia
Consentes dar um beijo nessas faces !”
E a travessa menina, que sorria,
Respondeu-lhe baixinho: — Se me amasses...

Mas, um dia, em que a sós a vi deitada,
Em pleno desalinho, extenuada,
Mostrando um collo nú, que faz desejos,

Senti nas veias burbulhar-me o sangue,
Atirei-me a seus pés, cahi exangue,
Depois de haver-lhe dado muitos beijos !

Hugo Barradas.

O MAL

No craneo da malvada espessa treva
Incuba o odio vil contra a yirtude;
Um impulso fatal, inato e rude
A' pratica do crime o vota e leva...

Esta lei — diz a fabula — é coéva
Dos primeiros humanos na attitude
Da mais pura innocencia, a que se allude
Na lenda oriental de Adão e Eça.

Vede como procede a serpe astuta,
Arrastando ao peccado o par ditoso
Que as venturas edenicas desfructa !

Vede, como, no sangue generoso,
Se céva a inveja fraticida e bruta,
Como succumbe o justo ao golpe iroso !...

Hygino Cunha.

NENEM

Faz hoje um mez saudoso
que me apartei de ti,
um mez que estou choroso
sem lar, sem luz aqui.

Um mez que sonho imagens
da nossa intima vida,
que se vão com as aragens
de uma illusão perdida.

E vivo, que é preciso
dissimular com o riso
a dor do coração !

Pois bem ! Minha tristeza
só saiba a natureza
da minha proscipção !

Juvencio Auto Pereira.

MURITURI

Beduinos da vida já transpomos
Os oasis floridos da jornada,
Já não somos aquillo que já fomos,
Do que fomos não resta quasi nada.

Dos jardins da existencia os doces pomos
Para nós a colheita está vedada.
Gritam as illusões em revoada
Que ellas são para outros que não somos.

Assim vamos descendo, vacilantes,
Da montanha da vida a ribanceira,
Cujo cume galgamos por instantes,

A' frente vão seguindo os desenganos,
Enquanto para traz vão na carreira,
Fugindo as esperanças sobre os annos !

José Gregorio dos Reis.

SOUZA ANDRADE

Erguem brumas do mar do ethereo brilhantismo,
 Num faustoso Occidente umas exequias grandes...
 Loira tarde no ceu. D'esse crystal dos Andes
 Rola um sol a cahir nas vastidões do abysmo.

E na augusta amplidão d'aquella tarde enorme
 Surge um vulto de azul de esplendida saphyra:
 -- E' a bella Guimarães... a Patria que delira
 Na opala sideral do Occaso que alli dorme:

-- E' que entra nos Pantheons de cérula turqueza,
 O Genio immorredoiro, esculptural do Gueza,
 O Genio que entre nós chamou-se Souza Andrade --

Como as que elle sonhara eternamente bellas,
 Possam novas corôas desfolhar-lhe estrellas,
 Por sobre a noite azulea da ampla Eternidade.

Fructuoso Ferreira.

PROTOTYPIA

Um talhe magestoso, perigrino,
Breve mão, microscópica, rosada,
Uma bôcca de rosa perfumada
Um sorriso ideal, mago, divino;

Um pé mimoso, eburneo e pequenino,
Um olhar — brando raio d'alvorada,
Uma voz ternamente modulada,
Como um canto do céu, ou como um trino;

Um cabelo macio, longo, cheio
De suave perfume e noite escura,
A velar meigamente em niveo seio

Dois amôres de candida brancura:
— Tal és tú, puro amor, meu dôce enleio,
Meu prazer, minha luz, minha ventura !

Antonio de Souza Rubin.

O BEIJO DO MAR

Lá, nas bandas que o sol morrendo doura,
Num ultimo lampejo fulvo e quente,
Envolvidos na aureola refulgente
Da longa e basta cabelleira loura,

Lá parece que o mar, num beijo ardente,
Sorvendo vai o sol, voluptuoso,
Como quem quer saborear um goso,
Saborea-lo demoradamente.

Tudo é assim na vida: elles se amam,
Ambos se querem, flor, ambos se chamam,
Todos os dias lá se vão beijar.

E elles se beijam, assim, ha um tempo infindo !
E nós, . . . e nós... Como o teu rosto é lindo !
Ah ! se fosses o sol e eu fosse o mar !

Carlos Moraes Rego.

IMAGEM DO DESERTO

A branca Corça um dia
Passou junto ao Deserto;
E o meigo olhar volvia,
Prenhe de doce affecto.

— Volta ! diz-lhe o Deserto,
E longo olhar envia,
Fitando o andar incerto
Da Corça fugidia.

Imagem do Deserto,
Meu peito por instante,
A' esperança aberto,

De novo se fechou
E a branca Corça errante
Ai ! nunca mais voltou !

Felippe Duarte.

O PASSADO

Tanta saudade do passado, agora,
Que o tempo já desfez a mocidade !
Do dia que tombeu na eternidade
Nada aproveita recordar, Senhora !

Não queiras-atear, a extrema hora,
- Que se apagaram — chammãs de amizade !
Evola-se de nós toda a vaidade,
A vida em meio esteja-nos embora.

E pensa bem: quanta loucura existe
Nessa lembrança vaga que consiste
Na pouca reflexão desta chimera !

Não lembres essas coisas abstractas,
Por mais gentis que fossem, por mais gratas,
Que nada valem, hoje. Considera !

Napoleão Lobão.

A CONCHA

Por quantos mares, sim, e por quantos invernos,
e quem o saberá, ó concha nacarada,
a enchente, a vasante, a onda attribulada
te hão rolado atravéz de abysmos seus eternos ?

Longe do salso mar, sob estes ceus mais ternos,
fizeste um leito aqui desta areia dourada !
Mas teu descanso é vão !... Longa e desesperada,
em ti perpassa a vós dos liquidos avernos !

Minh'alma assim tornou-se uma prisão sonora !
E como dentro em ti palpita e geme e chora
esse eterno rumor, essa canção do mar,

Tal no meu coração, onde ella sempre existe,
surda, lenta, offegante e sempre e sempre triste,
longinqua, a sua vóz escuto a murmurar !

Catullo da Paixão Cearense.

O ETERNO MYSTERIO

Congenita illusão do pensamento,
Preconceito fatal da humanidade,
Suppor que descobriu toda a verdade
Desse eterno Mysterio, a seu contento !

Ninguem... sabio nenhum, neste advento,
E desde a mais remota antiguidade,
Nos poude revelar a Eternidade,
Bem tal qual ella é, com fundamento...

Contudo, um Ser existe, omnisciente,
Fundador do Universo, um mappa mudo,
Que vive em toda parte, omnipotente,

Eterno educador, mas não caduco...
Si pretendes, leitor, saber de tudo,
Procura um manicómio, estás maluco.

Raymundo Pacifico da Silva Campos.

SONETO

Talvez tu me não ames. Eu receio
Que o teu amor por mim seja chimera;
É, num ardente e louco devaneio,
Quero mal a quem tanto bem quizera.

Vamos: arranca-me o fatal enleio
Dize a verdade. E' o que minh'alma espera,
Até por triste desengano aneio,
Mas. . não, que tal certeza dilacera.

Cala, cala esse labio malfasejo !
E assim a vida passo consumido,
Sem saber afinal o que desejo;

Pois não sei qual será mais duro fado:
Si a duvida do amor correspondido
Ou a certeza do amor desenganado.

A. Reis Carvalho.

SONETO

Concentro o meu viver em sempre amar-te,
E' meu prazer perenne estar te vendo,
Sem sentir, sem saber e não querendo,
Em meu pensar estás por toda parte.

Tua lembrança tam doce me alimenta,
Tuas palavras me servem de conforto,
Tu és o calmo, o desejado porto
Que minh'alma procura na tormenta.

Ah ! que feliz eu fôra se algum dia,
Essa gentil miragem esvanecida,
Qual tu és, qual te sonha a phantasia...

Oh ! que feliz ! Minh'alma embevecida,
Toda tremula de amor, louca faria
Da minha e de tua vida uma só vida.

Domingos Perdigão.

A PECCADORA

Ajoelhada a vi junto á tristonha nave
Da velha cathedral orando sobre a cruz.
Era inda moça e bella, os seios semi-nús
Tremiam sobre o crepe em morbidez suave.

Diante d'essa mulher não ha hoje quem crave
Um olhar puro e bom. Bellezã extincta á luz
Do sentimento, alli; ás plantas de Jesus,
De um poema de amor talvez guardasse a chave.

A prece terminou... e a loira peccadora,
Tremula, palpitante e triste, levantou-se
E do confissionario aos pés ajoelhou-se...

Aquelle collo nú tornava-a tentadora...
E eu vi o confessor, tam meigo e tam curvado,
Falar como Jesus e olhar como o peccado !

Dunshee de Abranches.

MASCARADOS

Comparo o carnaval d'estes tres dias
E o carnaval que passa no anno todo:
O primeiro possui mais phantasias,
Tendo o segundo muito mais engodo.

Um passa pela scena como um doudo,
Vem e esvae-se de subito em folias.
O outro é este em que estou, de almas de lodo,
De reticencias e susprezas frias...

Um todos sabem que nasceu de Momo.
O outro ? De quem nasceu ? Não sei. Nem como,
Nem quando começou, nem quando pára !

Não sei. Mas quem acaso os tenho olhado
Conclue que o verdadeiro mascarado
É o que passa sem mascara na cara...

I. Xavier de Carvalho.

CREDO

Na
Cruz,
Luz,
Já,

A
Luz,
Jus
Da

Dôr,
Flôr,
Que

Tem
Quem
Crê.

Totó Rodrigues.

MARMOREA

Nunca pensei que tanto amor ardente,
Amor que tu me déste e alimentaste,
Arrancasses assim tam friamente
Com o frio desdem com que o arrancaste.

Por me punir de consagrar-t'ó, baste
Toda essa onda de martyrio algente
Que me desce dos olhos tristemente,
Lagrimas como tu nunca choraste !

Nada abrandou teu peito endurecido,
Nada viste e escutaste — olhar e ouvido
Cerrados os tiveste ao meu tormento.

Tudo esqueceste, ó pérfida Senhora,
Tudo lançaste da tua alma fóra
— Um punhado de cinzas solto ao vento !...

João de Deus do Rego.

ADEUS

De longe vindos, juntos a alterosa
Montanha azul que o nosso olhar enchia,
Numa alegria forte e corajosa,
Juntos subimos ao romper do dia.

Nem sempre a relva candida e macia
Os nossos passos recebeu, sedosa;
Ah ! quanto espinho lá em baixo havia !
Quanta subida, ingreme, escabrosa !

Mas chegamos enfim. Olha: a explanada
Ampla, ideal, que vinhamos buscando
Aos nossos pés se estende illimitada.

Adeus, porém, que vamos, mal chegando,
Duas a seguir em vez da mesma estrada
E os nossos lenços se agitar chorando.

Arthur Lemos.

A' DISTANCIA

A invernã cessou. Que amenidade,
Nesta manhã de sol pelos caminhos !
Tudo é vida, é fulgor, é alacridade
—Do perfume da flôr á voz dos ninhos !

Todos os ramos, todos, na verdade,
Pendem floridos ! Risos e carinhos,
Excitados da luz á claridade,
Trocã, a cantar, os lindos passarinhos !

Sinto, entretanto, em toda esta magia
Da natureza em franca primavera,
A desatar-se em tantas maravilhas,

O contraste da amarga nostalgia,
Que o triste coração me dilacera:
—E' a ausencia de vós, queridas Filhas !...

Achilles Lisboa.

AMOR E ODIO

De ti nunca pensei que me esquecesse,
Nem mesmo quando longe me encontrava;
Longe — talvez até me parecesse
Que a ti te amava mais do que te amava !

De que por ti o meu desdem crescesse
Como crescia o amor eu não pensava !
— Bloco de neve ao sol breve desfez-se,
— Sonho fugiu-me apenas acordava !...

Mas hoje que te vejo encantadora,
Como nunca te vi que me encantasse,
Nem me parece que te amei outrora !

Que tudo ao tempo enfim se transformasse
Acreditei; mas não pensei, senhora,
Que assim como te amei eu te odiasse.

Heraclyto Mattos.

AO POR DO SOL

Quando o sol do horizonte se encaminha
E o crepusculo a terra vai deixando,
O occaso em brasa vai illuminando
O vasto mar do qual já se avisinha.

Quando a brumosa noite rompe o espaço
E a solidão do oceano se levanta,
Tristeza infinda a terra desencanta
E a estreita em grande e fraternal abraço.

Quando fito esse quadro de belleza
Fala-me a dôr, a dôr indefinida
Porque me pesa identica tristeza.

Nelle se antolha toda a minha vida:
Como o sol — a esperança me despresa,
E' como a treva — esta illusão perdida !

Raul da Cunha Machado.

SONETO

Jamais has de saber quanta afflicção
Minh'alma, por te amar, tem supportado,
E com que culto ardente e acrysolado
Atirei a teus pés meu coração.

Se este affecto sincero que te hei dado
Não merece uma igual compensação,
Ao menos um olhar de compaixão
Servirá de conforto ao desgraçado.

Longe, longe d'aqui, serenamente,
Eu morrerei feliz e bem contente
De abençoar a mão que me expulsou,

Pois este amor é como as delicadas
Plantas que, quanto mais são machucadas,
Mais perfumam a mão que as machucou !

Joaquim Belmont.

POEMA ETERNO

De olhar no ethereo azul profundamente frio,
De olhos celestiaes, Eva engendrava um crime:
— O amor, o eterno amor ! — palavra que se exprime
No sorriso, no olhar. . E o ceu, então sombrio,

Na doce voz de um anjo o anathema bravo
Fez-lhe, acerbo, vibrar: achava o amor um crime !
No entanto, era creação mais pura e mais sublime
Do que todo o Universo !... E o goso fugidio,

Foi-se... foi-se p'ra além, por ignoradas sendas
Em cujo termo veem-se as tragicas legendas:
--“Perca toda a esperança o que tentar transpor”--

Eva, não chores, não ! Cala, cala teu pranto,
Murmura a estrophe ideal do teu poema santo...
Se o mundo Alguem nos deu, tu déste mais—o amor !

Aluisio Porto.

IMPURA

Triste encontrei num misero vallado,
Linda rosa envolvida em negra lama,
Desprendendo os perfumes que derrama
A casta flor de um timido noivado.

Rosa viva de amor, tiveste o fado
Dos que morrem sem fé, perdendo a fama,
E a quem voraz o tumulto reclama,
Na eterna podridão do teu reinado.

Tudo na terra é mobil, é contrario,
De nada serve o asperrimo denodo,
Morre a belleza, e o mundo é sempre vário !

Diviso, oh ! rosa ! em teu suplicio todo,
A imagem da mulher que, em seu fadario,
Morreu perdida a chafurdar no lodo.

Ignacio Raposo.

IMMUTAVEL

De certo extranharás que nos meus versos,
Nestas quadras de amor que vou rimando,
Nunca o teu nome passa perfumando
Os meus pobres vocabulos dispersos.

E quedarás, talvez, triste, pensando
— Os negros olhos em pezar immersos —
Que os meus affectos de hoje são diversos
D'esses que outrora eu te contei cantando.

E no entanto este amor velado, embora,
E' o mesmo ainda que elle foi outrora,
Da mesma forma inda o meu estro anima...

Que eu occulte o teu nome nada prova,
Pois que estás toda inteira em cada trova,
E vives palpitando em cada rima...

Antonio Lobo.

PIRAMYDES

Symbolo do viver, oh ! velho mytho,
De um templo morto num sorrir d'Esphinge,
Tradição de um passado que te cinge
Da pompa perennal de antigo rytho.

Quanto mais eu te vejo, mais te fito
Mais procuro saber o que tu finge,
Essa aurora divina de que tinge
Os soberbos colossos do infinito;

Vai o Nilo correndo em vaga turva,
E riem no deserto, altos e sós,
Num rir de monstro para azulea curva,

Se; ulchros que tu, mytho, assim gravaste
Na terra onde dormitam Pharaós,
Desde Thebas, a rica, até Bubaste.

Gonçalves Medeiros.

REFLEXÕES

Se Deus, que é justo, deu iguaes segredos
A' rosa, ao lyrio candido, ás boninas;
A' toda flôr, quer nasça nos rochedos,
Quer nasça fresca e bella nas campinas...

Se Deus, que é sabio, deu iguaes segredos
A's grandes, tanto como as pequeninas
Folhas das plantas, desde os arvoredos
Até as parasitas mais franzinas..

Então, porque é que só a sensitiva
Tem essa força de sentir tam viva,
Que nem podemos lhe tocar siquer ?

Deus, que a perola fez dentro da ostra,
Na humilde sensitiva é que Deus mostra
A virgindade exacta da Mulher !

Theodoro Ribeiro Junior.

O ADEUS

Parto ! Esquecerei o passado altivo
E direi sempre ao facho luminoso
Que me conserve largo tempo vivo
Para em teus braços repousar ditoso...

Escuta a lyra de meu largo peito,
Limpa-me os olhos tristes, lacrimosos,
Ouve os cantos do casto amor perfeito,
Cantos, dolentes, tristes, ardorosos !

Beija-me ! Põe de lado esse pudor,
Lucro sentir a mornidão do amor,
Ergue do seio a virginal grinalda !

Que embaciar teu claro corpo eu quero,
Aqui, Amor, jamais voltar espero,
Adeus ! O destino nos separa, Alda !

Alfredo Campello de Carvalho.

SI NON E' VERO

Outra (hontem disseste) os versos meus inspira,
Os versos meus merece ! advinhes, entretanto,
Que por ti, só por ti, affecto puro e santo
Minh'alma nutre e, em vão, por teu amor suspira !

Se decanto uma hoje, outra amanha decanto !
E' certo. . Mas que importa essa enganosa lyra
A's mais empreste os dons, a graça que transpira
Só do rostinho teu gentil, que adoro tanto ?...

Não vês que és tu, mulher candidamente bella,
A virgem sem rival, a casta diva, aquella
Sacrosanta visão que me acalenta em sonho ?...

São teus ! Teus são somente estes humildes versos,
Na tua inspiração sublime assim immersos
E todo, genuflero, ora aos teus pés deponho !

Manoel dos Reis Carvalho.

NOIVA

E's noiva d'outro ! Todo o meu tormento
Nesta phrase fatal, louca, se encerra !
Nem ha maior martyrio, em pensamento,
Que o meu, que da ventura me desterra !

Eu que sonhava, misero avarento,
Doce vida de amor, gosar na terra,
Vejo tudo fugir, num só momento,
Ante essa phrase lugubre que aterra !

Que nunca te arrependas, eu desejo,
E esse noivo feliz, colha-te o beijo
Dos labios puros, que beijar sonhei.

Vai, sê ditosa, borboleta errante..
— Elle não te será como eu, constante,
Nem saberá te amar como eu te amei !

Altino Rego.

DIAS DE SOMBRA

Em manhans nebulosas, vão fugidos
Meus dias de esperança e mocidade;
E nas brumas da noite da saudade
Eu os vejo, tristonhos, envolvidos.

Ermos, orphãos de amor e de amizade,
Como correm, silentes, foragidos,
Morrendo desherdados, sem gemidos
Sem protestos na dor d'essa orphandade.

Alarmando, não pedem piedade,
Nem bradam, rancorosos, raivecidos,
Contra a angustia, a tristeza que os invade.

Pobres filhos de affectos desmedidos,
Tombados no verdor da prima-idade
No latente soffrer despercebidos.

Anna de Oliveira Santos.

ESTHER

Era um rochedo colossal ingente,
Um muro de granito ante as paixões,
A rigidez de um velho impenitente,
Uma alma morta para as sensações,

A loira Esther. O peito seu algente,
Não sentiria a lava dos vulcões.
Despresava do amor as illusões
E tinha a tudo olhar indifferente.

Passados annos de despreso ao mundo,
Do amor vencida, na renhida luta,
Encontrei-a num pelago profundo :

Era uma sala de prazer impuro,
Onde entre bellas, loucas prostitutas,
Bebia o sonho do passado puro !

Raymundo Nascimento Moraes.

SEMPRE . . .

A procura do bem que para mim se adianta,
eu venho já de longe e quanto mais percorro
a estrada principal mais adiante corro
e mais corre de mim o bem que assim me encanta.

Aos rigores do tempo, a miudo, me suplanta
o desanimo, páro e, quando creio que morro,
sem um conforto enfim, um unico soccorro,
a voz da seducção segreda-me — Levanta !

E saccudindo o pó da estrada e dos caminhos,
sigo á frente outra vez bem como um resignado,
que ha muito acostumou-se ás urzes e aos espinhos.

E os dias vão passando e eu por tudo a passar,
chego tam perto, á voz, do bem ambicionado,
crendo-o ter alcançado, eis-me de novo a andar !...

Manoel George Gromwell.

UM PASSADO

Ruina de um templo. Pedras espalhadas,
Montões de pedras e marmores fendidos,
Velhas columnas gothicas, doiradas,
Ao chão cahidas, capiteis partidos.

Ruinas de um templo. Imagens derrocadas,
Altars sem piedade demolidos,
Crença de outrora, crenças sepultadas,
Na eterna dor dos grandes opprimidos !

Somente resta a velha torre erguida,
Vendo a seus pés a dor indefinida,
E, em cima, nuvens pelo azul suspensas.

Tambem minh'alma assiste a derrocada
De um passado que amei e, abandonada,
Olha os destróços das antigas crenças !

Miguel Gerson Tavares.

SAINT BARTHELEMY

Paris dormia. A noite suave e amena
De aljofares o azul do ceu fulgia.
Como enorme serpente se estendia
Sobre a Cidade-Luz, tranquillo, o Sena.

Eis que accorda em delirio. A paz serena
Em dobres se transmuda e, á revelia,
O povo corre amedrontado... E' dia...
E o cutello do algoz corta sem pena.

Vinte e quatro de agosto. Os campanarios
Plangem incessantes, turvos, funerarios,
Ao grito de vingança da mulher...

Catharina feroz, o meu destino
Vibra cruento no meu peito o sino
Até no amargo instante em que eu morrer.

Bidico de Rodrigues.

SEMI DUPLEX

Fu que pensava estar por fim liberto
Do triste amor por ti tam despresado,
Volto de novo o olhar ao teu chamado
— Como perdido em lugubre deserto.

E vou de cardo em cardo. E quazi perto
De velho sonho meu, que é meu peccado,
Vejo que de soffrer bate cançado
Meu pobre coração em chaga aberto.

E vou de soffrimento em soffrimento...
Tu sempre os meus pedidos recusando
E eu revendo o meu sacro juramento !

Não sei no fim de conta quem mais cança,
— Se o coração que vive te buscando,
Se o coração que morre de esperança...

Francisco Serra.

SONETO

Dizem que a vida é uma canção dolente,
Um suspirar em vão de magoa em magoa,
E que da dor pela escarpada fragoa
Rola, batida da borrasca ingente...

Não sei; não sei: se os olhos rasos d'agoa
Tive no mundo ingrato, impenitente,
Essa ventura por que espera a gente
Dentro em minh'alma, venturosa, trago-a.

Tu me aclaraste as trevas do caminho,
Onde eu seguia tímido, sosinho,
Leyando a cruz de minha grande pena.

Bateu-me em cheio a luz dos teus olhares:
Anda minh'alma nesses rijos mares
Qual barca de Noé, calma e serena...

Godofredo Vianna.

DESILLUSÃO

Se ella soubesse quanto eu soffro quando
Não posso ouvir-lhe a voz, ve-la, fita-la,
Beijar-lhe a pequenina mão que exhala
Um perfume suave, doce e brando;

Se ella soubesse a dor que me apunhala,
Que vai meu coração apunhalando,
— Ave, na immensidade, azas ruflando,
Sem um ninho sequer para abriga-la;

Se ella por ventura advinhasse
Tudo o que sinto e se em mim pensasse
Um só momento, como penso em si,

Não me julgava tam feliz agora...
Mas ah! morreram as illusões de outr'ora,
E eu tambem, com as illusões, morri.

Antonio Moraes Rego.

A' ALMA HUMANA

Quiz conhecer-te e fui ousado, temerario,
De perto analysar o sentimento alheio:
— Tinhas rutilações divinas de sacrario
Que guarda nossa fé no impenetravel seio.

Eis aqui tumultua o pensamento vário,
Rebrame o odio alli, fulgura além o anseio
De justiça e de amor — o centro originario
De onde a grandeza humana equanime proveio.

Lembras, em teu furor, o glauco mar bravio,
Espadanando espuma ás rochas, iracundo,
No recontro brutal dos ventos e das yagas...

E em tua mansidão és como um ceu de estio,
Ceu azul e tranquillo, insondavel, profundo,
De que ninguem conhece as infinitas plagas.

Luso Torres.

O MAR

Encapella-se o mar, uivando. A vaga
Multiplica-se e avança. Agora, é uma
Que a praia branca, estrepitosa, alaga,
No arremesso fatal babando espuma.

Outra exsurge, fremindo, e uma outra esmaga,
Celere corre, e brama, e salta e espuma
Em névoa iriada o dorso de uma fraga,
E, ao brusco embate, ansiando, se avoluma.

E a tremer, a rugir, outras se elevam,
Recuam, também, subito, abaladas
Da propria força estranha que em si levam,

Cavam profundos barathros medonhos
E, num supremo estuar, resuscitadas,
Sobem mais alto como os nossos sonhos.

Francisco Lisbôa Filho.

A RESPOSTA DA CAVEIRA

Ao frio som das doze badaladas
Lentas da Meia Noite, um craneo frio
Tomei. e as minhas mãos eram geladas
Como esse craneo pallido e sombrio.

— Irmão (falei) já ouço o estranho pio
Das corujas da Morte, ensanguentadas,
Attende-me, por Deus ! — Um arrepio
Me assalta e eu tenho as palpebras molhadas...

Fala ! dize-me si a Alma é verdadeira,
Si a Ventura se esconde noutra estrella,
Entre pantheras e chacaes, embora !...

— Grave e solemne, a funebre caveira
Os alvos dentes entreabriu... e pela
Voz dos Finados respondeu-me: “Chora...”

Antonio da Costa Gomes.

ILLUSÕES

As primeiras que eu tive — todas ellas
Cantavam-me a sorrir: estas, franzinas,
Mas bemditas e sans; outras — aquellas,
Tam divinas de amor, que eram divinas !

As segundas que eu tive — ah, por quere-las,
Nem sei que eu fôra para as assassinas !
— Todas sorriram, que as chamei de bellas !
— Todas choraram, que as chamei mofinas !

Entre tantas que tenho (oh, meu tormento !
A qual eu seja mais christão captivo,
Não m'o define o martyr pensamento...

E nessa culpa — todo o meu peccado !
Pois que, no mundo, só por ellas, vivo,
Eternamente, pelo mundo, errado !

João Rodrigues.

OLHOS VERDES

Tinha o mar para mim, sempre, um novo attractivo,
Quanta vez eu lhe disse as minhas alegrias,
Sentindo-o, forte e bello, estremecer, captivo
Dos meus sonhos, num brando exhalar de harmonias !

Hoje o meu velho amigo, hoje o mar, como vivo,
Só me traz o pavor e crueis agonias.
Já não posso fita-lo, ai ! não posso, que avivo
Estas penas sem fim ! estas maguas sombrias !

Porque o verde do mar lembra o verde de uns olhos
Que me foram na vida a suprema ventura
E porque vivo agora a gemer e a chorar.

Olhos cheios de luz, olhos cheios de escolhos,
Cheios d'uma divina expressão de ternura,
E crueis... e fataes como as aguas do Mar...

Alfredo de Assis.

ULTIMO ARRANCO

Este soneto que aos teus pés, cahido,
Tremulamente trago e depósito:
E' de minh'alma o derradeiro grito,
E' de meu peito o ultimo gemido !

Ha nelle o soluçar, triste e doido,
Do profundo soffrer em que me agito,
Toda a cruel descrença de um precito
E o pobre coração que foi trahido.

Has de lê-lo talvez, indifferente,
E depois, pelo tedio consumida,
Has de rasga-lo convulsivamente.

Faze o que te approuver, faze querida,
Que este soneto, pallido e tremente,
E' teu, não me pertence... é minha vida !

Agostinho Reis.

MÃI

Doce effluvio de amor que minh'alma enobrece,
Frouxa luz vesperal que em meus olhos adeja !
Sinto bem quanto vale a expressão d'esta prece
Com que pedes a Deus que meus passos proteja.

Traga eu nalma o rancor que a existencia enlutece,
Traga em mão o punhal que nas trevas lampeja,
Sempre encontro em teu labio o sorrir que florece
E em teus olhos a luz que me anima á peleja.

Leve, sem compaixão, ao teu seio querido,
O desgosto fatal que tua alma depura
D'onde sangra inexausto o pranto dolorido;

Leve embora, inconsciente, a ferir-te a desgraça
Que provoco, sempre és, na maior amargura,
Mái ! a mesma mulher que me beija e me abraça !

Nascimento Moraes.

DE PARTIDA

Vejo que nem a compaixão te inspiro,
Pois que partias sem dizer-me adeus,
E tu bem sabes que por ti deliro,
E que és a causa dos pesares meus...

Isa, eu vivo dos olhares teus...
E por gosa-los, com ardor suspiro,
São para mim a vastidão dos ceus
A quem da sorte, do futuro, inquirio.

E tu partias, garrula, contente,
Sem um olhar sequer de despedida
A quem te quer deveras, loucamente...

Ah ! se eu pudesse ao menos esquecer-te,
Para não ter attribulada a vida,
Para não ter a magua de perder-te !...

Leoncio Rodrigues.

SCEPTICA

Amor !... Quando me ouviste o breve termo
Logo sorriste e que sorriso o teu ?
— Toda a desesperança de um enfermo
— Toda a philosophia de um atheu !

Ah ! se eu soubesse o coração tam ermo,
Que tens, nunca falára assim do meu;
A's minhas phantasias dera termo,
E outros soubessem teu pensar, não eu !

Amor ! Cousa de outrora, que descobres
Nos alfarrabios em que lêas lendas
Dos cavalheiros e das damas nobres...

— Romance antigo, na moderna senda
(Dizes e dóe a tua idéa horrenda)
Vive nos sonhos das donzellas pobres...

B. de Vasconcellos.

RESSURREIÇÃO

E's feliz ainda. O mesmo rosto lindo,
Inda te vejo ao mesmo olhar celeste,
O labio aberto que eu beijei sorrindo
E' o mesmo labio que o sorriso veste.

Tudo que outrora abandonei partindo
Encontro em ti... Ah ! tudo que tiveste,
Como que em ti se demorou dormindo,
E agora accorda porque assim quizeste !

Em mim tambem alguma cousa outrora
Dormiu no abandono em que a deixaste,
Dormiu e accorda por te ver agora.

E' o meu louco amor que te votei, querida,
O meu primeiro amor que tu mataste,
E que hoje ao ver-te recupera a vida...

Walter William Broadbent.

VIVER E' LUTAR

(APÓS A LEITURA DE UM LIVRO DE BOURGET)

Por trás do ser de que consciencia temos,
Outro se nos occulta, que, com esse,
Vive em luta tenaz. O que queremos
Não querem sempre os dois, como parece.

Quanta vez ama um, com ardor e extremos,
O que com extremo ardor o outro aborrece,
Quanta vez o que nós appetecemos,
Numa ansia que impossiveis não conhece,

Já não mais serve apenas conquistado,
E a mesma cousa que prazer causára
Já nos causa tormento amargurado...

Só para lutas, homem, foste feito:
Qual se a de peito a peito não bastára,
Ha lutas feras dentro em cada peito.

Clodomir Cardoso.

SONETO

Tarde morna e serena. O sol agonisante
Amortalhando vai a fulva cabelleira,
E lança sobre a terra a chispa derradeira
Do seu olhar de rei altivo e arrogante.

Divaga pelo ar, incerto e vagamente,
Um que, mixto de luz e treva... Morre o dia,
Os ninhos não têm voz, lethal melancolia
Penetra os corações mysteriosamente.

Desdobra a tarde o manto e, triste e merencoria,
Estende-o sobre a terra e, celere fugindo,
Se occulta lá no azul, entre cerulas telas...

E eis aqui, afinal, lusindo em turbilhão de gloria
Aponta lá no céu, Sahara, immenso e infindo,
A caravana enorme e errante das Estrellas!

Marianna Luz.

DOR SUPREMA

Depois de eu ter trilhado o mundo inteiro,
Exposto á neve, ao sol, á chuva, ao vento,
E, como um triste e louco aventureiro,
Passado tantas noites ao relento...

Depois de eu me tornar um caminheiro
Do Calvario da magua e do tormento,
E de ter sido o naufrago primeiro
Do Mar-Vermelho do padecimento:

Parei ! Voltei meus olhos ao passado
E meditei depois no soffrimento,
Nas grandes dores de um desventurado,

E á conclusão cheguei, bem convencido,
De que não pode haver maior tormento
Como o de amar sem ser correspondido.

Americo Cesar.

O MEU AMIGO

Tenho commigo, poeta, um passarinho
que alguém me deu quando se foi embora,
anda solto o galante animalzinho
a cantar pela casa a toda hora.

Quando amanhece, o trefego bichinho
ganha o denso arvoredado lá de fóra,
e no galho mais alto abre o biquinho
e derrama no espaço a voz sonora.

Sobre a terra se a noite desenrola
fino véo prateado ou negro manto,
vai cantar o marôto na gaiola.

Meu lindo amor, meu dedicado amigo,
è só elle que canta quando canto
e quando choro vem chorar commigo.

Laura Rosa.

SEIOS

.....OS SEIOS
 NUS.....
 RAYMUNDO CORREIA

Nesses marmoreos seios setinosos
 Rijos como o bronze e alvos como o lyrio,
 Cheios d'amor a estremecer de gosos
 Atiro-me sedento de delirio.

Nesses nevados fructos amorosos,
 Tam mornos como a triste luz de um cyrio,
 Meus labios bebem, loucos, sequiosos,
 O tormento sublime d'um martyrio...

Se cobrem dos seus seios nacarados,
 Veludos e pelucias ou brocados
 O biquinho de amor, que me seduz...

Minh'alma se crucita de desvelos,
 Porque eu a todo instante quero vê-los,
 Nós, ambos nós, para eu beija-los nós.

Viriato Correia.

BEM CASADOS

Nas elegantes e ingremes collinas,
Corriam duas candidas crianças
De mãos dadas, ao vento as longas tranças
Louras. Eram duas bellas montesinas...

Iam guardando o lepido rebanho,
— A innocencia e o amor, a sós, brincando —
E cresceram, cresceram, se adorando,
Um ao outro. Houve um casamento extranho

Na aldeia. Eram os montesinos rindo,
Como as flores nos prados se entreabrindo
Que esposavam-se então. Rejubilados

Tiveram assim a mesma sepultura,
Onde um arbusto nasceu da pedra dura,
Brotoando, emfim, as flores — bem casados —

Hermilio Pereira.



CARRO DE BOI

Velho carro de boi, pesado, aos solavancos,
Em busca do sertão, sem ter uma pousada,
De calháo em calháo, por cima dos barrancos
Vagaroso la vai... cantando pela estrada...

Velho, vai se quebrando aos ultimos arrancos.
Náo ha sol, nem fadiga e nem mesmo invernada,
Que lhe detenha o andar — Lento caminha aos trancos
Pouco a pouco vencendo a penosa jornada.

Ha vinte annos atraz, viveu num piquizeiro.
Cortaram-no sem dó. Sem paz e sem repouso
Hoje vive de andar pelo sertáo inteiro...

Lento e triste a rolar naquellas soledades..
Sempre, porém, cantando e cantando saudoso,
Como quem canta só para matar saudades !...

Vieira da Silva.

VESPERAL

A' tarde quando o Sol pelas campinas
esconde os raios seus esplendorosos,
e os rouxinóes as azas pequeninas
batem buscando os prados perfumosos:

Quando, de novo, as nuvens purpurinas
fogem, deixando os astros luminosos,
e a cotovia do amor entre as boninas
chora os dias felizes e ditosos,

Minh'alma vôa e perde-se na bruma
do ccu, vendo morrer uma por uma
as esperanças d'esse amor de longe !

E lá na terra onde ella mora, vêde:
esta minh'alma vai morrer de sêde
num gargalhar satânico de monge !...

Luiz Nascimento.

NADA

Vens da estrada sombria da amargura,
Da Via-Negra, dolorosa estrada,
Para onde vaes não sabes e a tortura
Tens no conjuncto, e a escuridão do nada !

E's nada, mas não temas, desventura
E' tambem muitas vezes coroadada
Trazer-se a frente, quando está banhada
A alma de sangue na cruel agrura.

Mendigo avante pelo mundo infindo
Caminha sempre, sempre vai seguindo
Embora apedrejado vás morrendo,

Sem armas, sem braços e sem escudo !
Talvez que fosses nada sendo tudo
E talvez sejas tudo nada sendo.

Caetano Souza.

O DIAMANTE

Passo... Flammeja o sol. Subito diante
De mim, em plena rua, a irradiar,
— Sol minusculo — um ponto fulgurante
Exsurge e attrahe-me vivamente o olhar.

Vendo-o, de longe, exclamo: “Eis um diamante”!
Mas quão forte é o meu pasmo ao deparar
Um fragmento de vidro que, offuscante,
Refulge ao vivo resplendor solar!

Muita gente assim vive e, annos, illude.
Vendo-a, logo, suppomos-lhe virtude,
Genio e força; de longe é o Grão-Mogol.

Mas, se um dia de perto a contemplamos,
Um pedaço de vidro — eis o que achamos,
Num mudo assombro, refulgindo ao sol!

Corrêa de Araujo.

O MAR

Ouve ! O mar, escarpando as rochas, na agonia
do sol, parece ter na voz o humano accento
de dôr ! Resa, talvez. Vai recolher-se. O dia
se ajoelha e a tarde, em sonho, abraça o firmamento !

Como nós, pôde ser que a tristeza e a alegria
o mar sinta também; precisa, em movimento,
irazer um coração.. Quem sabe o que irradia,
no seu intimo, em doce e azul recolhimento !

Escuta ! uma onde vem beijar-te os pés. Não ha de
calma os seios rasgar sobre os basaltos. Quérulas
as ondas todas são. Ouve-lhe a voz. Piedade !

O mar leva-me a crer que tem paixões mortaes,
em que rolam, brilhando, as lagrimas das perolas
e palpita, fervendo, o sangue dos coraes...

Maranhão Sobrinho.

TRINTA ANNOS

Trinta annos ! principia a retirada
Dos prazeres, dos risos e dos cantos...
E as brancas esperanças e os encantos
E os sonhos todos vão-se em debandada.

E' o fim da primavera... A chusma alada
Cantando, já procura outros recantos
De onde não possa ouvir a voz dos prantos,
Perto da vida... longe da invernada...

Partem... fogem. e, com os olhos rasos de agua,
Vendo partir tam cedo o immenso bando
Has de sentir cortar-te immensa magua...

E a carne moça e a febre dos desejos
Queimando a carne e os labios teus queimando
Numa ancia louca, hystérica de beijos !. .

;

Fabiano Vieira.

O MAR

O' velho, ó verde mar, como eu te amo quando
Te fito o dorso nú e te vejo bravio,
Sem uma aza siquer sobre ti adejando,
Sem branquejar em ti a vela de um navio.

E' que te compreendo o iracundo e sombrio
Desejo de reinar, a ancia regia do mando
Sobre o mundo, e só tú, sobre o mundo vasio
A liquida esmeralda emonda espadanando.

E mais te amo ainda, ó mar, quando aplaçada
A ira, sobre a praia a espuma rendilhada
Tu deixas, e o sol vem depois para a enxugar.

Porque essa espuma, assim, pelo sól ressequida,
Não é talvez, senão, a lagrima sentida
Do teu sonho desfeito, ó velho, ó triste mar !...

Domingos Barbosa.

CHROMO

Possues uma bonita ventarola
De branca e fina gase transparente,
D'onde um perfume oriental se evola
Cercando em nuvens de volupia a gente.

Quando se preme a delicada mola,
Fechando, ella assemelha uma serpente
Que pátenteia, assim, que desenrola,
Um quadro vivo, tropical, ridente...

E' debuchado em japonez estylo:
Em cima, vê-se um bando de gaivotas
E o ceu forrado de um azul tranquillo.

Em baixo, um bergantim no mar revolto,
Ligeiro singra, demandando as Rótas,
Com todo o panno do velame solto !

Octavio Galvão.

RESIGNADO

Um dia vem a ave descuidada
E, mal que toca o fructo cor de rosa,
Cede o alçapão á carga preciosa,
E ei-la num momento escravizada.

Pula, estrebucha, grita a desgraçada,
Contra a parede investe furiosa,
Por entre as finas grades mette, anciosa,
O pézinho, a cabeça ensanguentada.

Mas lá um dia, affeita á escravidão,
Resignada ás suas tristes dores,
Ei-la cantando humilde no alçapão.

Assim me debati ao teu despreso...
Eis-me, afinal, affeito aos teus rigores
Cantando como o passarinho preso...

Lemos Vianna.

SAMARITANA

Piedosa e gentil Samaritana:
Venho, de longe, tremulo, bater
A' vossa humilde e placida cabana,
Pedindo allivio para o meu viver !

Sou perseguido pela sêde insana
Do amor que anima e que nos faz soffrer:
Tenho sêde demais, Samaritana,
Tenho sêde demais: quero beber !

Fugis, então, ao misero que implora
O saciar da sêde que o consome,
O saciar da sêde que o devora ?

Peccaes, assim, Samaritana ! Vêde:
— Filhos, dae de comer a quem tem fome
Filhos, dae de beber a quem tem sêde...

Vespasiano Ramos.

LENDO-TE

“As roseiras aqui já estão florindo...”
Mandas dizer... “As hispidas e pretas
Rochas da estrada já se estão cobrindo
De musgo verde... Ha muitas borboletas...”

E eu me fico a pensar que agora é o lindo
Mez das rosas, esplendidas e inquietas
Azas. tempo em que a serra anda sorrindo
E em que todos os passaros são poetas.

Vejo tudo: a agua canta entre os cafeeiros.
Vejo o crespo crysanthemo e a assucena
Estrellando a verdura dos canteiros.

Penso, então, que em tudo isso os olhos pousas...
E começo a chorar... olha: tem pena,
Não me escrevas fallando nessas cousas !...

Humberto de Campos.

YOLANDA

O ceu era brumoso. Ao longe, no horizonte
Numa facha de luz, surgia a madrugada,
A treva, pelo sol luzente, azorragada,
Dos mysterios mostrava a tenebrosa fonte,

Morria, lá no azul, a estrella da alvorada;
Banhavam-se de riso o ceu, o mar e o monte;
E o sol, hostia doirada, a flammejar a fronte,
Traçava pelo espaço, a rota costumada.

Do mar do pensamento, em que abysmei minh'alma
Vieste-me á lembrança, sorridente e calma,
Banhando-me na luz dos grandes olhos teus!

Eu bem quizera, então, partir da vida os laços,
E, estreitado ao teu corpo em tepidos abraços,
Deixar contigo a vida, e ir contigo aos ceus...

Nereu Bittencourt.

PELO AZUL

Tu que de ramo em ramo saltitavas,
Alheio inteiramente ao que fazias;
Agora, um fructo sapido comias,
Agora, alegre, um roseiral beijavas;

E depois, como um transfuga, tomavas
A direcção d'um lago, onde bebias;
Gorgeiavas contente, azas batias,
Quando nesse crystal tu te banhavas;

Irriquieto, travesso, sempre estavas
E, cantando melodico, saudoso,
Tam meigo e puro, o puro céo fitavas...

D'este azul nunca mais voltaste a ver-me...
Porque vieste, oh ! passaro sem pouso,
De magua, o livre coração encher-me ?

PARA ALGUEM

Porque has de assim de novo relembrar
Um tempo para sempre terminado ?
Recordar-me não deves o passado
Que só me deu desgostos e pezar.

Qual será a dilecta por te amar
— Sendo inconstante sempre o teu amor ?
De jardim em jardim, de flor em flor,
Oh ! borboleta onde irás pousar ?

Ser distincto e voluvel, não é crível,
E' pena que assim sejas, pois de facto
Tens alma nobre, o coração sensível.

Olha: não sejas máu, que mal te fazes...
E' tempo de cessar de ser ingrato;
Ou sejas verdadeiro ou não te cases.

Aura Matos.

PRECE DA NOITE

Olhos fito no vago, em procura da Morte,
As minhas illusões deixaram-me deserto
O coração. No entanto, o passado, tam perto !
Ah ! como tarda em vir a futura consorte !

Olhos que outrora amei—frios mares do Norte,
Franças de vinho velho—oiro de poente incerto...
Meu amor, teu olhar, todo em brumas aberto,
Para as bodas finaes será meu passaporte...

Vem visitar-me, á noite, a alma de Hamlet. Sou médio.
Debalde, então, em mim, a ancia do além recresce,
Lothus boiando á flor do Nilo do meu tédio !

A vida é para mim uma eterna galé,
E presa no meu corpo a minh'alma parece
Um poeta ebrio, a sonhar dentro de um "cabaret"...

Antonio Lopes.

INFELICIDADES

Eu ando mesmo agora, aos pontapés da sorte,
Sem dinheiro e com fome, as botas rotas, fúscas,
A percorrer o quarto em mil baldadas buscas...
Tenho o Frio na cama e na gaveta a Morte !

Nós tres a conversar ! que conversas patuscas !
Rebola-se a gaveta e a Morte, em almo porte,
Salta, esbarra-se a mim nuns encontros de forte,
A dar-me bofetões e barrigadas bruscas !

Vem o Frio, da cama ! A perseguir-me os dois
Percorrem a agua furtada e atiram-me á janella,
Espalham pelo chão o meu prato de arroz !

E eu fico, sem jantar, fico em jejum, em malhas...
Tropeço numa mesa e parto uma canella !
E o Frio e a Morte, atôa, riem-se. Canalhas !...

Agostinho Rodrigues d'Assumpção.

LUAR DE AMOR

Vendo-a, do theatro célere saindo,
Sigo de perto o carro triumphal,
Vejo-o parar á porta. Ei-la subindo !
Ao quarto em frente ao seu, subo afinal !

Em meio á alcôva, o traje vai despindo,
E a creada o toma, mas de um geito tal,
Que eu sonho, ante o vestido claro e lindo,
As fórmas do seu corpo esculptural !

Que vestido ! E o seu corpo, que antevejo
Como a nuvem do ceu occulta aos sóes,
Elle o vem occultar ao meu desejo !

E ella ! Astro de amor sem arrebóes !
E' uma lua pallida de pejo
Dentre a nuvem revolta dos lençóes !

Carlos Reis.

DESPEDIDA DO TROVADOR

Inda uma vez o violão gemendo
Canta e suspira nos bordões das dores,
E a prima canta limpida tremendo,
Chorando maguas e lembrando amores !

Gemes e choras como os peccadores,
Choras e gemes, como que querendo,
Lembrar passados e rever primores,
Puras chimèras dulcidas revendo !

E á morna luz do lampeão da rua,
Teu canto triste, languido se alteia
E vai da Terra aos páramos da Lua...

E vem-me ao peito morbido chorando,
Qual musica fatal de uma sereia,
Nos fundos escarcéos do mar cantando !

Leslie Tavares.

RETROSPECTIVO

Volto-me para traz a olhar a vida,
Sozinho, na jornada pelo mundo,
Como na concha azul de sóes provida,
Caminha, ao léo, um astro vagabundo.

Veze, no meu olhar calmo e profundo,
Vem pairar a visão, meiga e sentida,
De um Sonho que durou só um segundo,
De uma Esperança que tombou, perdida.

Moço... mas, da primeira mocidade,
Em que o Porvir se vê, roseo e doirado,
Vejam-me nalma as flores da saudade...

Volto-me para frente, e, de olhos calmos,
Fartos de ver a ruina do Passado,
Vejo perto de mim os Sete Palmos !

Apolinario de Carvalho.

MANHANS...

Surge risonha a luz da madrugada
Banhando as flores e banhando as franças,
O ceu se enche de fulgidas nuanças,
Corre cantando a brisa embalsamada.

Modula terna a alegre passarada,
Tinem os guisos das garrulas crianças,
Bailam mais longe as ovelhinhas mansas,
Passa ligeira a rude cavalgada.

Essas manhans bonitas e tocantes
São para ti, de purpuras brilhantes,
São para ti, angelicas serenas:

E para mim pojadas de pavores,
Manhans que deixam tenebrosas dores,
Manhans que deixam tenebrosas penas.

Melchiades dos Santos.

DENTRO DA NOITE

Alto, pyramidal, sonambulo, funereo,
Escabujando a sombra, a gemer e a rilhar,
Um cypreste espectral tenta, embalde, accordar
Da profunda mudez o velho Cemiterio.

Do Lazareto ao pé — monge negro a resar
Outro cypreste irmão, tendo o ceu por psalterio,
Deixa cahir na noite — infindo eremiterio —
Um rosario perlado — essencias a rolar...

Andam maguas em bando ao meio os vegetaes...
E o stygma do Nada enche de agouro e ais
Da caligem da Noite o negrume de pez.

A mesma dor immensa em tudo a dor espalma: —
— A morte da Materia é a morte dupla da alma...
O Lazaro que cahe morre a segunda vez.

Eydher Pestana.

VULCÃO DE AMOR

Pela raiz da serra dos teus seios
Meus rubros labios, tremulos, subiram;
A razão, foi devido aos teus meneios,
Aos teus encantos que me seduziram.

Palpitantes de amôr estavam cheios
Não pude resistir, meus olhos viram,
Atravez, meu amor, dos teus enleios,
Uns mysterios quaesquer que nos uniram !

Fui culpado, bem sei, fui o culpado,
E não me eximo dessa culpa minha,
Pois sinto orgulho de já ter peccado...

Entretanto, se alguém sentir receios,
Ao ver, da moça, a mais formosa linha,
Nunca lhe toque nos vulcões do seio !

Estevam Gomes de Castro Pinto.

SONETO

Muito embora te não seguindo o vulto,
Nem diga o nome teu, que a luz encerra,
Esta paixão, tam louca que me aterra,
Assume as lindas proporções de um culto.

Por vê-la, assim ,como quem vê da serra
O infinito estrellado, quanto exulto !
Ella é, embora grite o mundo estulto,
Sentimento do ceu e não da terra.

Vem dispersar, portanto, o vasto bando
Das tristezas do meu viver de monge,
Que a tua imagem me alegre, dissipando

Nuvens sombrias do futuro incerto,
Pois se procuro amar-te só de longe,
Suspira o coração por te ver perto !

Adalberto Silva.

PAU D'ARCO

Contemplo-te a sentir, velho pau d'arco amigo,
Uma grande tristeza e uma grande saudade
Dos dias que passei aqui na mocidade,
A' tua sombra, a rir, e a conversar contigo.

Tinhas a mesma linha e a mesma magestade
Que ostentas inda agora e a sombra a que me abrigo.
Eu era inda tam novo e tú já tam antigo,
Talvez que o mais antigo tronco desta herdade.

E hoje volto, afinal, de neve na cabeça
Depois de muito andar, sem lume a que me aqueça,
Andrajoso a esmolar de pousada em pousada...

E és o mesmo de outrora, altivo e re florido,
Como um punhada de oiro a esmo sacudido
No immenso panno verde-mate da chapada...

Arlindo Martins.

VENUS

Ei-la que surge emfim do mar resplandecente
de busios, de coraes, de perolas brilhantes,
a coma desnastrada, os seios nús, frementes,
o olhar em fogo a rir nos olhos fulgurantes.

Treme-lhe o corpo, assim, como se de repente,
sentisse percorrer-lhe as carnes deslumbrantes,
uma grande voluptia, uma voluptia ardente,
num surdo palpitar de sonhos estonteantes.

...E ella parte a cantar, e na praia deserta,
fica o suave calor das suas tranças soltas,
e o perfume subtil que su'alma desperta.

E jamais poudes o mar, nem ao menos de leve,
apertar contra o peito, entre as aguas revoltas,
esse marmore vivo, esse corpo de neve !

Leonete Oliveira Lima Rocha.

SEIOS

Esses teus seios mornos, tentadores,
Residencia do amor, da seducção,
São dois fortes, dois rijos beija-flôres
Apontando com os bicos a amplidão !

São niveos, provocantes, seductores,
Como o iman cruel da perdição...
Entre as rendas são tam fascinadores,
Que me trazem submerso de paixão !

No deserto do amor e dos desejos,
Se eu me visse morrendo de canções,
Em procura do oasis dos teus beijos,

Ficaria tranquillo e sem receios,
Se encontrasse por leito esses teus braços,
Se dormisse aquecido por teus seios !

Benú da Cunha.

SER HOMEM

Ser homem, não é somente ter figura
Humana, nem fallar por toda parte;
Nem ter de um soberano a compostura,
Nem inventar p'ra viver, requintes d'arte !

Ser homem, não é fingir-se, quando a parte,
Guarda no peito a hypocrisia impura,
Nem dizer-se defensor de um estandarte
Só de humano tendo a pallida estrutura.

Ser homem, não é cantar o vituperio
Da balôfa grandeza que esçalavra
A honra e o brilho que a verdade encerra;

Ser homem, é ter bom senso e ter criterio.
E' ser leal, sincero, é ter palavra,
E' andar de frente erguida sobre a terra.

Augusto Almeida.

O RELOGIO E O CORAÇÃO

Um antigo relógio, uma vez, sonolento,
Ao repassar do tempo, e a estancar a carreira,
Diz: “Como é bom assim parar por um momento,
E dormir ao depois d’esta hora derradeira !”

E emudeceu, enfim, de cuidados isento...
Mas o anseio do som doma-o de tal maneira,
Que um dia, a trabalhar recomeçando lento,
Ouviu-se-lhe sonora a pendula ligeira.

Um velho coração, que a sós presenciara,
Exausto de bater tantos annos a fio,
Quiz folgar um instante, e repentino pára...

Que tem, que a descansar demora descuidado ?
Olha-o attento: está rijo, e triste, e mudo, e frio.
— Se não despertou ainda, é que é feliz parado...

Carlos Nascimento.

MAR TEMPESTUOSO

Ergue-se a tempestade. O velho mar, gemendo,
Contempla com furor a sombra do Infinito.
De praia em praia bate. As vagas vão morrendo
De encontro a penedia enorme de granito.

Detraz da serrania, o sol vai-se escondendo...
Que tarde tormentosa ! O furacão maldito,
Perpassa pelo azul, e o velho mar gemendo,
Agita-se chorando austero como um mytho !

Oh ! velho mar gigante ! Oh ! velho mar infindo !
Das portas do Infinito, a noite vem sahindo !
Guiada pelo vento, assim, tam furibundo...

A dor, que te persegue é grande como o mundo !
Em ti, é grande a dor, oh ! mar que soffres tanto,
O Infinito a povoar das bagas do teu pranto !

Clodoaldo Cardoso.

GONÇALVES DIAS

Mestre ! dorme nas ondas alterosas,
Nesse oceano de vagas rouquejantes,
Tendo por manto — os astros rutilantes,
Tendo por leito — as pedras preciosas.

Fita do mar as ondas rumorosas
Ante as dilatadas rochas cruciantes,
Onde se esbatem fortes, fecundantes,
Num turbilhão, as ondas tenebrosas !

Dominaste com o verso o mundo inteiro;
Teu éstro divinal foi o primeiro
Dentre todos os reis das harmonias.

Dorme, Poeta, á luz do sol fulgente,
Que teu renome não nos sahe da mente,
Oh ! grande mestre ! Oh ! Rei das melodias !...

Mariano Chagas.



DENTRO DA SELVA

Foi no tempo feliz da vaquejada:
Floria o campo. O coqueiral abria
Os leques verdes, pela madrugada,
Quando o Vento do Norte o sacodia.

A alma simples da Selva perfumada
De flores novas o sertão enchia,
Diligente, o vaqueiro, na chapada,
A' procura do gado proseguia...

Accorda a vida toda da vivenda.
O Sol banha de luz as flores todas
Das arvores da porta da Fazenda...

Sahimos pelo campo, agora em festa,
Para assistir dos passaros as bodas
No verde coração d'esta Floresta!

Carvalho Guimarães.

OLHOS

Ha dentro do seu olhar não sei que estranha aurora
De luz, de um eterno brilho amortecido e vago,
Que até me faz lembrar o sol no poente, a hora
Que fica a reflectir no espelho azul de um lago.

Não sei que estranha dor nesses dois cyrios mora
Tornando-lhe o seu branco espirito presago,
Longe de ter, talvez, um só momento embora,
Um carinho de Mãe e um paternal affago.

Brilha nelles agora uma saudade morta,
Que lhe fere sem dó toda a sua grande alma
E o triste coração em desespero corta.

Maldicto o pranto atroz que dos seus olhos corre,
E lhe traz o pezar a funda magua incalma
Do gemido final de um passaro que morre.

João Franco de Sá.

POR TEUS OLHOS

Arremesso-me louco ás lindas verdes aguas
Que me fascinam. Sobre o mar extenso, pando,
Undivago, procuro ás minhas negras maguas
Extrema-uncção, e mudo e frio, vai passando

Ror de vagas, enquanto em vulcanicas fraguas
Indomaveis, se inflamma o peito meu, arfando
Doiradas illusões... olvidar quero e trago-as
A' lembrança, a crescer voraz de quando em quando.

Ardentes corações que amaes, se é grande o vosso
Martyrio, atroz é minha agrura e é quasi intinda
Esta cega paixão que suffocar não posso.

Lethêas ondas sulcando eu vivo entre os abrolhos,
Indo minh'alma illusa e apaixonada ainda,
Affogar-se no mar de uns verdes claros olhos...

Abdegar Brasil Corrêa.

CORAÇÃO DESLEAL

Se a dura sorte me apontasse um dia
Outro destino, a mim, outra ventura,
E me arrancasse d'esta vida escura,
Outra seria então minha alegria.

Se o coração de quem meus passos guia,
Compreendesse a dor d'esta amargura,
Talvez sentisse a mesma desventura,
Que as vezes sinto em transes de agonia.

Se essa visão querida, que meus olhos
Viram, tivesse o coração humano,
Um coração que conhecesse amor,

Certo, não me teria entre os abrolhos !
Nem jamais eu soffrera um desengano
Aqui, no exilio, a que me trouxe a dor !..

Clemente Guedes.

A SENSITIVA

Vendo-a florir num valle ou junto á verde margem
de um rio, sob um ceu lurido-azul, de opala,
quem não se abysma, quédo e mudo, em contempla-la
no doce e terno afflar da nitida folhagem ?

O ar, mesmo de leve, a mais tepida aragem
perturba-lhe o sentir, o que ao pudor iguala;
e se, airoso, um insecto atreve-se a toca-la
retrae-se meiga e casta ao longo da ramagem...

Dir-se-á, talvez, do Olympo, erma, transfigurada
em vegetal sombrio, outrora condemnada,
uma nympha gentil que os deuses confundia !...

Tem no triste recato a cor dos sonhos idos,
de um amor que se esvae em óffegos doridos,
no latente pungir de supplice agonia !

Estolano Polary.

A FORMIGA

Num continuo vai-vem, a Formiga trabalha
E é capaz de mudar, numa noite, um celeiro,
Tudo quanto Ella encontra é para o formigueiro:
O grão de oiro, a semente, o fragmento de palha...

Não ha morro ou calhau, alta ou espessa muralha
Que resista. . E a vencer longo desfiladeiro,
Faz o assalto ao pomar, á horta, ao plantio inteiro,
Destruindo todo o bem que o homem, pasciente, espalha.

E quedo-me a pensar: tam misera é a Formiga,
— Pequenino animal egoista e previdente —
Que a amarga insensatez do homem forte castiga !...

Todo o esforço, Ella emprega em prol da propria raça:
Energia que vai alem de muita gente
Que, inutil, a dormir, a vida inteira passa !...

Ulpiano Brandão.

DE VOLTA

Minha mãe ! minha mãe ! Pobre velhinha,
Eis-me afinal ao teu amor volvido;
Venho bater-te ao ninho de andorinha,
Cansado de soffrer porque hei soffrido !

Pois em minha alma a noite se avizinha
E trago o corpo em chagas retranzido. .
Se partir de esperanças, sem gemido,
Volto trazendo maguas que eu não tinha...

Tam velhinho que chego em tenra idade,
Os cabellos tam brancos de amargura,
De tantos soffrimentos e maldade.

Ai ! minha mãe, que triste mocidade,
O teu filho nasceu da Desventura,
Cavalleiro do Amôr e da Saudade !

Chrysostomo De Souza.

CACHOEIRA DE OIRO

(LENDA DO ITAPECURU')

O' rio ! Porque outrora — e eu de inquirir não canso—
Porque desde á nascente, até teu turvo estuario,
Em todo o curso estreito, eras um rio manso,
E és agora tam bravo ás portas do Rosario ?

E responde-me o rio: — “E’ que um velho usurario,
Julgando que isso dêsse á sua alma um descanso,
Lançou dentro de mim o oiro que é o meu calvario
Em forma de cachoeira. E’ por isso que avanço,

Hoje, todo em cachões, rasgo em chagas o peito,
Tentando esse impecilho arrancar do meu leito..
Quero ser pobre e livre, e ainda, por milhares

De sóes batalharei, bavando como um touro.
Hei de arrastar ao mar o colossal thesouro
De D. João José Fernando de Linhares !” .

Clarindo Santiago.

VAIDADES DAS VAIDADES

Sete palmos, á enxada abertos no chão duro...
A bocca de uma cova, hedionda, escancarada...
Eis o palacio real, o leito frio e escuro,
—Ponto final da vida e symbolo do Nada.

Nesta paz tumular, o puro é igual ao impuro,
O misero plebeu ao testa coroada.
A cova tanto abriga o sabio como o obscuro,
Cahidos no fragor d'esta eterna Cruzada.

Tambem has de descer á paz que ha sob as lousas.
Aqui, só se houve o piar de ave triste e agoureira
E perpassa, subtil, a alma errante das cousas.

Depois... que restará das vaidades, querida ?
Uma carcassa immunda... ossos... uma caveira,
Num sorriso mordaz a escarnecer da Vida !

Hemeterio Leitão.

LICÇÃO DE AMOR

“Queres saber amar ? E’ facil. Eu te ensino.
Chega-te mais um pouco. Assim. Reclina a face,
Deixa desabrochar no labio teu divino
Um sorriso de amor, como de alguém que amasse”.

“Dá-me agora esta mão... (um rapido e fugace
Estremecer, notei no peito alabastrino
Da menina gentil; pedi que não brincasse
E ella ficou vermelha, o rosto purpurino...)

“...Vamos, dize-me agora: aprendeste, querida ?”
E ella falou, falou bella e ruborecida
De uma grande paixão, do seu sincero amor...

Quando, tempo depois, mulher, mestra no beijo,
Uniu seu rosto ao meu, arfando de desejo,
Deu-me licções então, amim, seu professor...

Lectacio Jansen.

O VELLUDO

Teve mais de cem donos. Percorria
Dia e noite as vielas da cidade,
Sem ter um pouso de hospitalidade,
Morto de fome, um olhar de quem pedia.

O transeunte que passando o via
Tinha, às vezes, momentos de piedade:
Acolhia-o num gesto de bondade
Mas enxotava-o sempre no outro dia.

E o Velludo vagou sempre soffrendo,
Té que um doce entardecer de outono
Fui encontra-lo inchado, apodrecendo,

Na dileteria vala do abandono,
A bocca em rictus, como escarnecendo
A ingratição do derradeiro dono !

Fran Teixeira.



A ENCHENTE

Entre regougos e ais, ribombos e rugidos,
A agua vinha em cachão, de pedra em pedra, atroando,
Como infrene tropel de corceis incontidos,
Planuras marginaes invadindo, alagando...

Tudo o rio carrega e, enorme e formidando,
Rompendo a cerração e os planos impedidos
Roças, habitações em seu curso arrastando,
Deixa o rio, onde passa, um mundo de gemidos !...

E a agua sempre a crescer ! E a noite que não finda !
E este ceu tam escuro e este clamor horrendo !
Ai ! de ti, camponez, ou boiadeira linda !

Ouves ? E' o alto estridor de um repiquete de agua
Subindo o valle e a serra em fragor estupendo,
Entre ululos de dor e rugidos de maguas...

Affonso Cunha.

DISCOBOLO

Lembra Ant'nous, perante os meus olhos de artista,
na graça e robustez da plastica espartana,
se, ao sol, que ajusta a gléba e os pincaros conquista,
pisa o fulgido pó do estadio que se aplaná.

Vai, de um lado—e outro lado, ao término da pista,
a ovação que de um côro unisono espadana.
Lança o disco primeiro... e ei-lo, trépido, á vista,
fulge, dentro da luz como uma oblata humana.

Arremessa outro disco... e mais outro... e outros muitos,
numa herculea impulsão de braços de granito,
sobem, no ar descrevendo intérimos circuitos.

E a alma sonha, a seguir de aureos discos os rastros,
um Titan, que atirasse á mudez do infinito
os discos de crystal polychromo dos astros.

Nunes Pereira.

PALAVRAS DE UM EBRIO

Porque ando a sonhar em cousas doloridas,
Requintados de dor, carcomidas de tédio,
Penso, ás vezes, no vinho encontrar o remedio
Que ha de cicatrizar minhas negras feridas.

E bebo, e esqueço o horror das maguas homicidas...
E preso á bacchanal por um potente assedio,
O vinho é para mim o meu proprio epicedio,
Despertando emoções de ha muito adormecidas.

Gloria á bebida ideal que affoga o soffrimento !
—Si o imperio da dôr é a perpetua verdade,
O vinho é o deus eterno e bom do esquecimento...

Bemdicta seja, pois, a taça mysteriosa,
Onde bebi do amor a estranha suavidade,
Pelos labios sensuaes de uma mulher formosa...

Antonio Martins Palhano.

A VIDA

Immerso, ás vezes, num scismar dolente,
Medito nas paixões da humanidade:
Ora, é um sonho de amor feliz e crente,
Ora, é uma doce e tragica saudade.

Adoro immenso a piedade ardente,
Amo demais a fulgida Bondade;
Uma virtude me deslumbra a mente,
Quando feita em segredo—, a Caridade.

A fortuna é uma coisa bem illusoria;
Nos meus vagares, socegado e mudo,
Penso na sua pompa transitoria,

A vida está assim synthetisada:
No desejo eloquente de ser tudo,
Na agonia espantosa de ser nada !

José Sá Valle.

DESVENTURA

Destróe, faze cessar esta agonia,
Toda esta magua immensa e dolorosa !
Dá, siquer, um momento de alegria
A' minha vida lugubre e penosa !

Tem compaixão d'esta alma lacrimosa,
Feita de dor e melancholia...
Alma que trilha a estrada tenebrosa
Da Angustia, soluçando noite e dia !

Para que eu me tornasse de repente
Feliz e de alma triste me fugisse
P'ra sempre a magua immensa que proclamo;

P'ra que eu fosse feliz eternamente,
Bastava que eu dos labios seus ouvisse
Ella dizer-me, tremula: "Eu te amo" !

Heraclyto Vespasiano.

AUSENTES

Faze-me, sempre, uma cartinha, breve,
Pequena embora, ficarei contente.
E nella dize o que tua alma sente,
Alma de pomba, alvissima de neve.

Quem ama, pura e nobremente, deve
Falar ao seu amor, continuamente.
Não tenhas medo do clamor da gente;
Escreve, sempre, uma cartinha, escreve.

Manda dizer os sonhos que tiveste,
Em que um papel eu desempenhe, afora,
Todas as cousas que por mim fizeste.

Fala do amor e dos arroubos seus—
Mas, se é verdade que a tua alma chora,
Ah ! não m'ó digas, por amor de Deus !

Oliveira Roma.

SUPPLICA

Já que me déstes, na manhan da vida,
Toda esta mágua que o meu ser devora;
Já que deixastes, quase sem guarida,
Alguem que vos amou, minha Senhora;

Já que deixastes, misera e esquecida,
Esta minh'alma que padece e chora,
Offertando a amargura endolorida
Que lhe acompanha bem de perto agora;

Hoje, que eu vivo, solitario e triste,
A odiar tudo que no mundo existe,
Sentindo o mal que aos poucos me devora,

Peço-vos: apagai os maus resabios
Que de certo ficaram em vossos labios
D'aquelles beijos que eu vos dei outrora...

João Teixeira.

SERENATA DE BEIJOS

A tarde finda. O sol, na floresta, agonisa;
O paul scintillante espera a alba lunar;
Sob o negro da coma esse profundo olhar,
Voluptuoso a fulgir me encanta e magnetisa.

O meu sonho feliz transforma e divinisa
O corpo teu: é lyra e canto singular
Sobre ella vão cantando os meus labios, a errar,
E a minha sêde, o instinto ultriz, se tantalisa.

Premindo a estreita flor do alvo busto suave
—Que aroma capitoso em o teu colo de ave—
Vou supplicar um beijo á tua bocca ardente...

E dos beijos vai soando a doida litania,
Emquanto do luar a luz suave e fria
Estende sobre nós seu manto indifferente !

Raymundo Lopes.

OLHOS MYSTERIOSOS

Quantas vezes minh'alma os teus olhos procura
Como um barco procura entre a morte a procella—
Mornos seios de praia, outras, azas de vela
Cu riso de pharol, na immensidade escura !

Entretanto, o meu sonho a fugir se enovela,
Se os vejo por milagre, em transes de loucura,
Eis que em torno de mim tudo se transfigura,
E eu não pude entender, ainda, os olhos della !...

Se Archimedes luctou por desnudar problemas,
Que tinha eu de fazer para entender as almas
Dos seus olhos que são duas nocturnas gemas ? !...

—Negros cyrios em noite eterna hão de esconde-las..
E eu tinha de morrer sem glorias e sem palma,
Como um sapo infeliz interrogando estrellas...

Silveira de Menezes.

HYPOCRISIA

Mentindo, ás vezes, nossos propios labios
Fallam daquillo que jamais sentimos,
Quanta amargura, transes e resabios
Não se occultam no peito quando rimos !

Esta verdade, aliás, confirmam sabios:
E' a verdade cruel que descobrimos
Em nós mesmos, se vezes insistimos,
Em revolver os velhos alfarrabios !

Mentem os noivos... doutos, á sciencia
Buscam illudir a propria consciencia,
Na embriaguez perenne da materia.

Atro viver de tanta falsidade,
Covardemente em fuga da verdade,
Mentimos sempre, sempre por miseria !...

Victoriano Almeida.



LONGE...

Parti, nem sei mais como. . . Era uma tarde, á hora
Em que o sol dardejava o fogaréu morrente
Pelo occaso tristonho... E eu lembro, ternamente,
A praia, os palmeiraes, como si os visse agora...

Do convéz, quando o barco aos lances da corrente
Mais a mais se afastava em furia de ir embora,
Eu vi que atrás de nós seguia, barra afóra,
Muito branca, uma luz piscando lentamente...

Eva o pharol ! o adeus, ã terra idolatrada !
O "sé feliz !", talvez, que a minha pobre amada
Estivesse a dizer vibrando de emoção...

E quando a noite veiu e o pharol se sumiu,
Quando o immenso do céu de estrellas se cobriu:
Vi que tinha deixado em terra o coração !

Hilton Fortuna.

ASPIRAÇÃO DO SACRIFICIO

Os almos sonhos que nós dois sonhamos
Pelos rudes caminhos d'esta vida,
Sorrisos são da Terra Promettida
Que, ha muito, em desespero, procuramos.

Nesta esperança ardente assim nós vamos,
Como uma sombra á outra sombra unida,
Incontentados, loucos, sem guarida,
Antevendo o triumpho que almejamos.

Um dia, quando, na ventura immersos,
Volveres ao passado o teu olhar,
Com orgulho verás meus tristes versos,

Por milagre da tua summa gloria,
Mudar-se em pet'las para o teu altar,
Minha Nossa Senhora da Victoria.

Alcide Costa.

A' MINHA MÃI

Um dia em meio as ténèbras da vida,
Como um sol que nasceu para aquecer,
O Amor — visão da Terra Promettida
Subitamente illuminou-te o ser.

E, no esplendor de uma arvore florida,
Atiraste-me á angustia de viver;
— Eu te bemdigo pela dor soffrida,
Pela dor que inda tenho de soffrer !

Tu conheces, tambem, a dor que medra
Nos corações de pedra e não de pedra...
Nos maus... nos bons... extraordinaria dor !...

E no Valle de Lagrimas que trilho,
Soffres, ainda, ao ver soffrer teu filho,
Personificação do teu Amor !

João Castello Branco de Almeida.

PRIMAVERA

Palpitam bosques, estremecem ninhos
Cieios de luz, de aroma e de harmonias.
Ha mysterios e sons pelos caminhos
E tudo canta e vibra de alegria...

E dos ventos, os doces borborinhos
Passam saudosos pela matta fria.
Arrulham na floresta os passarinhos
Saudando o sol que doira a ramaria.

Corre um fremito de azas multicores
A' claridade rutila da esphera
E a natureza toda abre-se em flores.

Este aroma, este ar — esta esmeralda
Em que a luz palpita — é a Primavera
Que a sua verde tunica desfralda.

Jayme do Egypto.

SAUDADES

Na crystalisação das folhas orvalhadas,
Ao rutilo clarão de raios purpurinos,
Eu me sinto contente ao som de agrestes hymnos
Que o passarêdo entôa á sombra das ramadas.

A natureza exulta em fórmãs trabalhadas;
Desde a singela flor aos risos crystalinos;
Desde o sorriso á dor aos gostos saccarinos
Do loiro mél da abelha ás frutas sazoadas !

Em fôfos ninhos sobre os ramos enlaçados,
Descançam mollemente as pombas feiticeiras !
E andam por toda a parte os beijos namorados...

E quando o sol declina em busca de outras plagas,
Deixa no peito meu, saudades verdadeiras,
Como ondas em fragor batendo sobre as fragas !

Elpidio Santos.

VENCEDOR

Venho da luta, assim como um cruzado...
A minha alma, de jubilos transborda,
Como quem, num exilio, se recorda,
De uma scena feliz do seu passado. .

Vibro, qual se vivesse acorrentado
E quebrasse os grilhões, tangendo a corda
Da liberdade. Vibro, porque accorda
No meu ser outro ser predestinado...

Devidos, creio a mim, honras e preitos !
Levanto, aos ceus, de pompas revestido,
O estandarte sagrado dos Eleitos...

E olhai: essa conquista que eu proclamo,
Alto, bem alto, ao mundo, é ter vencido
Os lindos olhos da mulher que eu amo !

Ribamar Pinheiro.

ESCARNEO DA SORTE

Pesei,—quando bem calmo estava o pensamento—,
o opulento, o feliz, o pobre e o desgraçado,
notando que dos quatro o que era mais pesado
a todos offuscava o seu deslumbramento.

Após ter o opulento astuto examinado,
veio o pobre. Outra vez fiz o meu julgamento.
Notei que em caridade e muito sentimento
o pobre ás vezes passa o rico potentado.

Chega a vez do feliz. Vejo que sorridente
a vida lhe desliza alegre e mansamente,
sem o fausto do rico e a pequenez do pobre.

Finalmente, fugindo á sua negra sorte,
no desgraçado encontro o cadaver de um forte
escondendo em seu peito o coração mais nobre.

Francisco Santos.

FOLHA ARRANCADA

Este album que outrora tam boñitas
Possuia dez paginas em branco
Algumas, outras — sete — já escriptas,
A quinta não tem mais, pois nesse arranco,

Tirou-a alguém que uns pobres versos lera,
Esriptos nessa folha, hoje arrancada,
Versos, talvez, que um dia outrem fizera,
Cheio talvez de magua não sondada.

Porque levou a folha ? Na sua vida
Igual magua será também sentida
Como a descripta nessa que arrancou ?

Mas porque, se levou versos tam feios,
Porque de luz e de harmonia cheios,
Não fez outros nas folhas que deixou ?

Luíza Nunes.

A SUMAUMEIRA

Alta, soberba, muscúlosa, nesta
varzea moça e virente onde o arvoredó
ama com o vento, e a natureza, em festa,
accorda e canta desde muito cedo;

expondo o tronco enorme, cuja sesta,
amorosa, lhe embala, a susto e a medo,
a trama das lianas da floresta
sussurando convites em segredo;

a viril sumaumeira os verdes braços
estende, e ao som dos ninhos, aos abraços
da hera, e á luz da aurora a despontar,

num gesto indifferente ao vento deixa
levar-lhe os cachos louros da madeixa
como se fossem beijos ao luar !...

Ruben Almeida.

INGRATIDÃO

Fazendo todo o bem, que se puder,
Fazemos grande mal á nossa vida.
E a bondade maior que se tiver
A todos passará despercebida.

Apenas, feito o bem, temos de ver
Nossa mão bemfeitora ser mordida
Pela mesma creatura que o dever
Esquece de beija-la agradecida !

Amigo não terás que te conforte,
Mas inimigo vil e rancoroso,
Perseguindo-te mesmo além da morte !

Por isso esquece a pratica do bem:
Gosa o riso e o amor, e sê ditoso,
Olhando o mundo com fatal desdem...

Orestes Mourão.

SAUDADE

Tarde. Seis horas. Triste toda a terra.
A noite, lentamente, se aproxima.
Tudo chora, soluça e se lastima,
Desde o mar glauco ao pincar da serra.

Saudade ! que saudade ha lá por cima...
E paira, e desce e vem — pelo mundo erra.
Saudade — dor que todo poeta enterra,
Sepulta, viva, dentro de uma rima !

E eu sou, longe de ti, um triste monge,
Pregando o Amor, em busca da verdade,
Cheio de contricção, cheio de calma.

E eu me lembro de ti, que estás tam longe !
E te chamo ! O ponteiro da Saudade
Marca tambem seis horas na minh'alma.

Salles e Silva.

PECCADO MORTAL

Vi-te, na igreja, tímida, resando...
Tua voz dulçurosa e terna enchia
O templo de tam límpida harmonia
Como se fossem cherubins cantando.

Resavas... E eu, extático, te ouvia...
Peccavas, Beatriz ! Era peccando
Que erguias o teu canto suave e brando,
Que, entre o incenso, nos ares, se perdia !

E o teu peccado, peccadora linda,
Era tam grande, foi tamanho que ha-de
Nossa Senhora castigar-te ainda !

Pois na igreja, ante o altar da Mãe Celeste,
Só falavas no amor e na piedade,
O que tu, Beatriz, nunca tiveste !

Isaac Ferreira.

VÊNUS

Deusa, a teus pés a flôr das minhas crenças, ponho !
Mulher, eu te procuro, eu te amo, eu te desejo !
Para a tua nudêz, — a gaze do meu Sonho,
Para a tua yolupia, — o fôgo do meu Beijo.

Divina e humana, impura e casta, o olhar tristonho,
Cabellos soltos, corpo nú, como eu te vejo,
Dás-me todo o calor dos versos que componho
E enches-me de alegria a vida que pejejo.

Gloria a ti, que, do Amor, cantaste, aos évos, o hymno,
Que surgiste do mar, branca, leve, radiante,
Para a herança pagã do meu sangue latino !

Gloria a ti, que ficaste, á alma dos homens, presa,
Para a celebração rubra da Carne estuante
E a régia orchestração da Forma e da Belleza !

Assis Garrido.

SAUDADE

Velha Monja do Amor, de olhos molhados
Vejo-te sempre, junto a mim, chorando...
—Braços erguidos para o ceu resando,
No Calvario da Dor crucificados...

Teus olhos são dois astros apagados
No rubro Ceu da minha Dor, boiando...
E's um resto de Amor se espedaçando
Nos olhares sem luz dos desgraçados. .

Saudade ! Evocação de minha Terra !
Quanta incerteza esse teu nome encerra,
Quantas e quantas morrem nos teus braços !...

Minha Mãe, já velhinha, em mim pensando
E eu neste Mar revolto me findando
Sobre um Lençol de espumas e sargaços !...

Villela de Abreu.

COTINHA

Vou tentar descreve-la num soneto:
Erecta e varonil, Cotinha é dona
De uns pés tam pequeninos de madona
Que bem podem caber neste quarteto.

Labios cor de rubi. Cabello preto.
Olhos.. olhos de amor em cuja tona
Todo um mundo de graça se abandona
Num sorriso bellissimo e faceto.

Morena clara. As mãos.. mas que delicia !
Vale todo o seu corpo uma caricia...
E' sua voz um passaro cantando. .

Ha no seu todo um não sei que de prece.
Quando me fita, adoro-a. E me parece
Uma santa do ceu que está me olhando !

Concita Ferraz.

A TENTADORA

A gase que o teu corpo alabastrino
Cobre, macia, as formas virginaes,
Entrançadas de rendas e oiro fino,
De beijos e de aromas festivaes,

Enamora teu seio pequenino
(onde moram dois pombos sensuaes
d'alvas pennas e bico purpurino !)
Embutidos de perolas e crystaes...

Entre prantos, á noite, suspirosa
Sonhas um sonho divinal, fagueiro,
E despertas sentida e lacrimosa...

Mas o sonho — que é sempre feiticeiro ---
Faz-te sorrir de novo, Graciosa,
Apertando no collo o travesseiro !

J. Montano Pires.

FLORES

Recebi o “bouquet” que me mandaste
esta manhan. Um mixto de belleza
contem a rosea fita que enlaçaste,
unindo os ramos todos... Que lindeza !

Symbolisando, estava, a Natureza
o todo de esplendores que formaste :
— Jasmíns e Rosas, Brinco de Princeza,
rubras Papoulas... tudo que encontre.

Entontece-me o aroma d'estas flores...
E fazem-me sonhar lindos amores :
Sempre-Viva, Saudade e Malmequeres :

Lilaz, Cravina, Amôr-Perfeito... Crente
Estou que nesta vida penitente,
— Rosas, flores— são todas as mulheres !

Souza Bispo.

OLHOS DE SOMBRA

Dize-me tu, mulher dos olhos baços,
Que é da luz desse olhar, triste e sombrio,
Que vive quase sempre fugidio
Quando te tenho presa nos meus braços ?

Que é da luz desse olhar tam vago e frio
Indeciso, rolando nos espaços ?
Que é da luz desses olhos ? Que é dos traços
De luz de outr'ora, nesse olhar doentio... ?

Dispersaste-a talvez nos lupanares,
Das orgias nos multiplos lugares,
E'bria, ás vezes, de pleno sensualismo...

Hoje, que tens ? Uns pobres olhos fundos,
Esgotados, opácos, moribundos,
Feitos de exilio e de sonambulismo !

Almir Santos.

O MAR

Amo-te assim, oh ! Mar !... amo-te assim revoltado,
na energica expressão das tuas agonias,
raivando para o ceu, como um demonio solto,
quando a terra se ajoelha e résa Ave-Marias...

Admiro-te assim, convulsionado, envolto
no teu manto real de espumas alvadias.
Oh ! gigantesco heróe ! Oh ! criminoso absolto !
E's tu um borbotar de rubras rebeldias...

Ouçó, quando rebrama a voz dos temporaes,
no teu clamor echoar o grito dolorido
que á noite vara o horror sombrio dos hospitaes...

E comprehendendo então essa tua ansiedade,
tu protestas por nós, vibra no teu bramido
as revoltas fataes e a dor da Humanidade...

Reis Perdigão.

EXTRANHO SORRISO

... E ella morreu ! Os labios enflorando
Um extranho sorriso me dizia:
— Não permittas morrer a tua Maria...
Quero sempre viver, viver amando...

E a sorrir, a sorrir, e delirando,
Numa lenta e tristissima agonia,
A illusão derradeira fenecia,
A mais bella illusão de todo o bando...

. . . E ella morreu ! Entanto, praserosa,
Ostenta minha face, sem resabios
De amargura a alegria vaporosa !

Mas nossa alma nem sempre se revella:
O sorriso que mora nos meus labios
E' o sorriso final dos labios d'ella !...

Matta Roma.

SAUDADE

Saudade ! A tarde a declinar morosa,
Perpassa a brisa em brandos rumorejos,
E o loiro Phebo, em prece lacrimosa,
Se extorce langue, em lividos arquejos !

Sôa dolente uma canção chorosa,
Morrem no poente os ultimos lampejos,
E a passarada em queixa lamentosa,
Solta, nos ramos, tremulos harpejos !...

Cahe a tristeza como um véo sombrio,
E pelo espaço vaga ternamente,
Uma prece, um suave murmurio...

... A tarde expira... uma saudade chora...
Plange em minh'alma dolorosamente
— O funeral das illusões de outr'ora !

B. Pires.

VELHO

Velho ! — tu me chamaste, gracejando,
Quando te disse ter vinte dois annos !
Estou velhinho, sim, de desenganos...
E de illusões as barbas vou pintando...

Mas tu tambem virás na mesma estrada,
E colherás a neve dos caminhos...
E quando longa fôr nossa jornada,
Como estaremos velhos. . tam velhinhos !

Então, querida, tremulos, juntinhos,
De olhar nublado, riso doce e franco,
Nós viveremos só para os netinhos,

Contando historias, lendas de tyranos:
Eu beijarei o teu cabello branco...
Tu lembrarás os meus vinte e dois annos !

Almeida Junior.

INTIMO

Já não duvido dos teus olhos... Leio
nelles, agora, quanto ler queria,
pois de todo banirem de meu seio
a duvida,—que afaga, mas crucia...

Teus olhos negros são prophetas. Creio
no que, ternos, me dizem, cada dia.
E o teu olhar é, para mim, enleio
de brando amor e suave nostalgia.

Podem mentir, bem sei, olhos maguados,
e até, de falso pranto marejados,
os abysmos do peito nos transpor...

... Mas não mentem teus olhos. . Silenciosas
e occultas foram as lagrimas copiosas
que derramaste pelo nosso amor...

Demosthenes Braga.

BRAÇOS

Ha na carne cheirosa e moça dos teus braços
Um fremito qualquer de sensações proibidas,
Mil desejos de amor, com surtos e cansaços,
Todo um tumulto, enfim, de ansias incomprehendas

Como ha de fazer bem senti-los, quando lassos
Dos esforços sensuaes, das sensuaes investidas,
Pouco a pouco afrouxar a furia dos abraços
Que dos corpos da união fundiram duas vidas...

Braços, por vos possuir, por vos ter enroscados,
— Lindos grilhões de amor — ao meu rude pescoço,
Nada me impediria os passos tresloucados !

E eu tudo dava, tudo, em perdulario assomo,
Para, guardando o orgulho intenso de ser moço,
Vossas carnes morder qual se mordesse um pomo !

Antonio Vasconcellos.

ANTE UMA ARVORE

Velha arvore de antanho e que inda hoje verdeja !
— Não sabes quem sou eu, não me conheces mais,
Tu que já me abrigaste á sombra bemfazeja
Sob a qual eu compuz meus loucos madrigaes !

Abandonei-te moço e atirei-me á peleja,
Conscio de conquistar mil Glorias immortaes !
E regresso abatido ! E vês que lacremeja
O velho que voltou sem glórias e sem Paz !

Em nada tu mudaste, ó minha Amiga, em nada !
E eu te vejo, afinal, como sempre te ergueste,
Phantasma do Passado, ó Arvore copada !

Sinto inveja de ti, contemplando o meu mal:
— Ai, não ter eu nascido assim como nasceste,
— Ai, não ser eu um Rei no Reino Vegetal !...

Adelino Ribeiro.

NO BAILE

Noite ideal. . e tu, formosa e sorridente,
alva visão do amor em plena phantasia,
com teu divino olhar de sylphide innocente,
acordaste illusões que n'alma eu não sentia.

Rias, e o riso teu era a expressão fremente
vibrando em tua bocca o espasmo da alegria;
e, valsando, eu te amava, em extasis de crente,
como um louco a sonhar na danza que inebria.

Do afan carnavalesco, ao lubrico delirio,
teu niveo colo arfando, olente como o lyrio,
diffundia em teu ser um goso salutar.

E eu era a borboleta, em saltitante adejo,
libando do teu seio o calix do desejo
num aneio supremo e louco de te amar.

F. Souza e Silva.

LABIOS

AND LOVE TO LIVE IN DIMPLE SLEECK

Milton

Os teus labios ardentes, rubros, voluptuosos,
(Labios que imploram sempre a musica dos beijos)
São fios de coral feitos para desejos,
São traços de rubi talhados para gosos.

O riso purpurino, que em suaves harpejos
Se desprende, subtil, dos teus labios carnosos,
Parece prometter os beijos mais fogosos
Que se deram jamais dois corações andejos !

Si quedas, muda e triste e pensativa, absorta,
A tua alma travessa o socego desposa
E o pensamento teu para o ceu transporta...

Mas se lasciva vens, saltitante e graciosa,
Mostras alegre, então, já com a tristeza morta,
Um sorriso de amor numa bocca de rosa !

Edison Teixeira.

ANCEIOS

Cruel batalhador, não desanimo
Na peleja cruenta que encetei;
Hei de elevar-me do martyrio ao cimo,
Mas, ouve coração — te vencerei.

Eu hoje, com este amor que me redimo,
O ataque mais feroz dominarei:
Se com desprezo vieres, eu o disimo,
E ao escarneo jamais recuarei.

Lutarei com a lança do meu verso,
Para invadir-te o coração profundo,
Para domar-te o coração perverso.

Hei de vencer-te, e um dia vencedor,
Eu gritarei bem alto pelo mundo:
Eu sou o mais audaz conquistador !

Emilio de Azevedo.

FINIS

Meu ultimo soneto e ultimo confôrto
Das minhas juvenis e pobres illusões,
Sorriso derradeiro, olhares e orações
Perdidas n'alma triste e no meu peito morto...

Piedade ! que o soffrer dos loucos corações
E' mais forte que a dor do enorme mar revolto,
Quando vem soluçando, esphacelar um porto
Suas vagas azues em doudas contrações.

Deixai, pobre soneto, escripto no meu peito
Os desfeitos clarões do meu affecto ardente,
E os ardentes clarões do meu amor desfeito !...

Deixai-me inda viver do meu viver vivido,
E sentir na minh'alma, inexhoravelmente,
Um inferno a crescer e um "Eden já Perdido" !...

Hermelindo Gasmão, Filho.

DENTRO DA VIDA

Da alma parte uma lagrima sentida,
Num psalmo symbolico e profundo.
Vem em busca da Terra Promettida,
E do canto dos olhos, olha o mundo.

Vem da Pureza a lagrima perdida,
— Vê que tudo é miseria neste mundo.
E rola e cai no pantano da vida,
Na agonia final de um moribundo.

Assim eu vim das Terras do meu Sonho,
— Um bandeirante impávido e medonho,
Em busca do Ideal por mim sonhado !

Encontro a cruz na encosta desta Vida,
E tombo como a lagrima perdida,
Na Suprema Ventura derrotado !...

Carlos de Castro Martins.

AMOR PASSAGEIRO

Olhaste-me. Eu te olhei. Sorri. Sorriste...
Foi-se a minh'alma toda nesse olhar,
E nesse olhar que tu me dirigiste,
O nosso amor eu vi desabrochar.

Amaste-me. Eu te amei. . Como foi triste
A nossa despedida ! E alem do mar,
Que atravessando eu vou, sinto que existe
Outro mar em minh'alma a atravessar !

Atravessa-lo-hei ? Não sei. Talvez...
E' o mar das minhas lagrimas... Um dia,
Decorrido — quem sabe ! um triste mez,

Encontrarás do amor que nos ligou
Visão transida e pallida, mais fria,
Quiçá, que a sorte que nos separou...

José D. Barbosa.

EMFIM . . .

“OH LOVE ! BEFORE THY GLOWING SHRINE
MY EARLY VOWS WERE PAID.”

BYRON

Abro a janella e escuto a voz da noite. Fria,
Qual virgem morta, a lua o véo de luz estende
Sob a campina em flor. Queda-se a ramaria . . .
Junto ao verde palmar o lago azul explende.

Meu doce sonho, vem ! Exsurge ! Lindo, um dia,
Sonhei-te. Exalça, pois o voto, que me prende,
Que me acorrenta á luz, que do olhar te irradia.
Vem ! O amor prende tanto; o meu amor comprehende !

Vens, emfim ! Ris, emfim ! Os teus labios murmuram . . .
Em tua negra trança as brisas já sussurram,
Despertando minh'alma em divinos harpejos !

E as estrellas que, além, scintillam silenciosas,
Vão-me passando ao olhar quaes petalas de rosas,
Que sobre ti Deus lança entre milhões de beijos !

Vinicius de Berredo.

DUVIDA

Todas as noites, o meu compromisso
Era, sosinho, conversar com ella.
E que prazer então que achava nisso,
No acostumado canto da janella !

Mas, houve um dia, como por feitiço,
Entre nós dois uma tenaz querella
E nunca mais — perdendo o amor o viço —
Pude, sosinho, conversar com ella...

E quando alguma vez acontecia
Confundir-se com o meu seu terno olhar
Ella corava e, logo em pós, sorria.

E hoje ainda busco me certificar,
Se acaso por desdem é que sorria,
Ou se sorria para não chorar !...

Lucano Reis.

PAGINA INTIMA

Quando me fallas, tremula e medrosa,
Dos ninhos, na canção triste e dolente,
Paira em minhalma, tenue e vaporosa,
Uma restea de luz de um sol poente !...

Teu rosto branco de mulher formosa
De lagrimas scintilla docemente...
Quero beijar-te, vem ! E, suspirosa,
Partes, chorando, pela noite ingente !...

Mas, se accaso, me mostras ao esplendor
Dos labios teus, esse coral minusculo,
Aos meus desejos lubricos de amor,

Por meu castigo vejo inda indeciso
Que vem de tua lagrima um crepusculo,
E uma aurora esplandece em teu sorriso !

J. A. Vieira Dos Reis.

LAR DESERTO

Não sei que grande magua o coração me aperta
Ao voltar, indeciso, ao paterno solar,
Vendo por toda a parte a terra tam deserta
E vendo tam deserta a casa do meu lar!...

Pela sala, feliz outrora, hoje coberta
De musgo, erra tristonho o meu saudoso olhar,
E eu descubro atravez de cada porta aberta
De todo o meu passado a lembrança sem par...

Aqui, antigamente, minha mãe cosia,
A' luz mortiça e tremula de um candieiro,
A que nos não faltasse o pão de cada dia...

Ali, minha irmanzinha... acolá, meu irmão...
— Um lar feito de amor sincero e verdadeiro,
Para sempre desfeito em brumosa illusão!...

Arnaldo Ferreira.

SONETO

“A caminho ! A caminho”. Inda no berço um dia,
incitou-me a Ambição: “Sonhador infecundo,
“do pedestal do Bem dominarás o mundo !...”
E eu entrei na jornada ideal da Phantasia.

Das masmorras da Dor aos templos da Alegria
vi mil farças senis e muito alcouce immundo;
e, em cada rosto alegre, em cada olhar jocundo,
eu senti perpassar lampejos de Ironia.

A Ironia que ri é sempre a mais pungente.
E eu vi tanta tristeza entre um sorriso santo,
tanto fausto encobrir miserias de indigente,

que voltando, afinal, irresoluto, a esmo,
pude encontrar o Bem que ambicionava tanto,
na Ventura mordaz de me rir de mim mesmo.

Raymundo d'Oliveira Saldanha.

A PALMEIRA

Ergue-se ao longe, a procera palmeira,
Na fôfa matta, em cúpula orchestrada,
Sacudindo a frondosa cabelleira
Que prende a vista ao viajor da estrada !...

Murmulha, em cima, trefega, ligeira;
Farfalha canto, á Tarde deslumbrada;
E dança, e baila, á brisa passageira;
A fresca rama, ao vento desdobrado !...

-- E' bella ! E' bella ! diz quem vai passando:
— Estátua verde, ao sol alevantada !
-- Na selva rude, os prados dominando !...

Segue: E lá, na campina alcatifada,
Volta-se, da Palmeira divisando,
A rama crespa em flámmulas cortada !...

Antonio Vianna de Souza.

O RENEGADO

Não achava na vida um só momento
Que tivesse prazer o desgraçado,
Pois para o seu acerrimo tormento,
Havia a Deus e a tudo despresado !

Era um monstro em completo esquecimento,
Eseondido nas trevas do peccado,
Sem encontrar no atroz padecimento
Um sorriso sequer o renegado !

Mas, ao chegar ao derradeiro dia,
Ao confessor, chorando, elle pedia
Que o arrancasse dos rispídos abrolhos...

E assim morreu feliz e penitente,
Levando a grande placidez do crente,
E a imagem de Deus dentro dos olhos !

Durval Vidigal.

MÃOS

Não sei que sinto quando as tuas mãos esguias
Voluptuosamente e com fervor aperto !
Este instante feliz tem para mim, de certo,
A grandeza final de um sonho de alegrias !

Nesta angustia em que vivo, assim neste deserto
De maguas tam crueis, de dores e agonias,
Apertando constricto as tuas mãos macias
Extingue-se o pesar no meu peito encoberto !

Não é só apertar as tuas mãos de neve,
Quero bem de vagar, também muito de leve,
Beija-las mesmo assim, beija-las mesmo triste !

Concede-me por Deus um momento sequer,
Um momento feliz, oh ! formosa mulher !
Pois que toda ventura em beija-las consiste !

Macieira Netto.

MARIA

Penso ! Debalde.. inspiração não tenho...
Tento escrever, e em sonhos me debato.
Quero ir para onde estais, mas me detenho
Contemplando tam perto o teu retrato !

Minh'alma, então, em goso delirante
Senha. E, logo, ao meu lado a imagem tua,
Faz esquecer-me a vida por instante,
Faz esquecer-me a dor que em mim estua.

E procuro offertar-te, emocionado,
Nos versos dum soneto mal rimado,
Poemos de luz, de amor e de alegria.

E ao em vez de versos vejo, admirado,
Nas folhas do papel já machucado,
Surgir, brilhando, o nome de Maria !...

Milton Paraiso.

RUTILAÇÕES DE ELMOS

Sob o título acima, o "Diario de S. Luiz", edição de 19 de agosto de 1922, publicou, em vibrante editorial, o artigo a seguir devido à penna do illustre belletrista Nascimento Moraes:

"Esses estudiosos e terriveis rapazes da Tavola do Bom Humor, preparando habilmente o espirito publico para lançamento do livro que elles insistentemente annunciam, de ha muito, *Sonetos Maranhenses*, lançaram, agora, á ultima hora, um reclamo, que, vendo-se bem, em tudo não é reclamo. São dez mandamentos, assim como sentenças que lhes foram reveladas, não diremos em um monte por não commettermos uma heresia geographica que de certo escandalisaria os caboclos desta ilha do Maranhão, mas talvez em algum outeiro, ou á beira de uma dessas praias scismativas, que muitas temos, ou á sombra de uma dessas arvores amigas, em noite solitaria e triste, que é quando bem se sente que esta terra em que vivemos, que é nosso berço, que é nosso apêgo, que é nossa lembrança e nossa saudade, ainda não é nossa, ainda não é para o nosso espirito, o nosso conforto e a nossa grande aspiração de sonhadores que desejamos dentro della viver, como quem dentro de um sonho se enebria, se embevece, ao fulgurar de imagens bellas, taes como aquellas que os que tomam ópio dizem ver na sua encantadora embriaguez.

E' um decálogo moderno, ditado a esses novos apóstolos pelo mais acrysolado civismo, guia dessas levas de corações juvenis que procuram a terra promettida da Esperança e da Gloria.

Não nos podemos furtar ao impeto de transcrever para estas columnas o fulgurante credo, que a esta hora já está espalhado por esta cidade e que dentro em breve percorrerá victoriosamente o Estado, como um soberbo grito de alarme:

“Todo o maranhense deve ter em memoria os seguintes mandamentos civicos:

I—Amar a sua terra sobre todas as outras.

II—Amparar e prestigiar a todos os que a enobrecem e dignificam pela intelligencia, pelo character e pelo saber.

III—Trabalhar pela sua grandeza material e intellectual de modo a eleva-la sempre entre as outras terras da Federação.

IV—Não engrossar bajulando aos estranhos, nem depreciar escorraçando aos irmãos.

V—Auxiliar e proteger as iniciativas que possam resultar em beneficio do conceito maranhense.

VI—Não abandonar a sua gente e a sua terra, á hora precisa, porque indigno será aquelle que o tentar. O Maranhão é dos maranhenses...

VII—Cultivar as boas lettras para, pelo estudo e pelo trabalho que nobilita, honrar no presente o passado glorioso.

VIII—Ufanar-se de que o Maranhão se tornou a Athenas Brazileira, justamente porque deu á Patria homens de genio e de saber, sem contudo sairem do torrão natal.

IX—Não ficar indifferente, braços cruzados, ao seu movimento litterario que sempre soube ser um dos melhores do Brazil e que, se hoje se encontra depauperado é por falta de estimulo sério e de um guia á altura qual houvera sido Antonio Lobo com o fulgor demosthenico do seu verbo e a grandeza solar da sua cultura.

X—Comprar os *SONETOS MARANHENSES* e terá praticado um acto digno e patriotico, pois não haverá um só filho desta terra encantadora, que deixe de possui-los á sua estante”.

E’ da mocidade maranhense de quem temos tudo a esperar. Esses traços de sua emancipação moral, de sua grandeza civica, muito e muito nos confortam e nos animam, porque incontestavelmente essa mocidade maranhense que ora se levanta assim, pensando nos destinos da sua gloriosa terra, levantando um templo de admiração e mesmo de gratidão aos nossos

maiores intellectuaes, rendendo homenagem áquelles que como Antonio Lobo vivem a seu lado, incentivando-a, encorajando-a, dispondo-a para os combates do livro e da penna, esses que fizeram no passado a fama do Maranhão e que ainda hoje é a sua lidima recommendação, pois que apesar de todas as tentativas para o seu engrandecimento material, é a unica laurea nobilitante do seu presente e se-lo-á com certesa do seu futuro.

E' da mocidade maranhense que esperamos a nossa restauração politica. Caracteres que se impõem pela altivez, que se determinam pela robustez de acção, que se levantam pela iniciativa brilhante, caracteres de moços audazes, que passando por cima de obstaculos ingentes, como sejam os que derivam da falta de recursos, ousam metter hombros a um trabalho relevante, tal seja esse que ora commettem — a publicação de um livro, nesta terra onde tudo falha, diante desse phantasma tremendo—a falta de dinheiro; caracteres assim talhados e que tão cedo já se submettem a uma prova de fogo, são dos que se fazem dignos do credito daquelles que lhes seguem a esplendida trajectoria.

E amanhã, refundidos nesse excellente cadinho, a que chamamos — a vida pratica, poderão conservar as nossas reliquias intellectuaes e concorrer com a sua perseverança, com a sua invejavel capacidade de trabalho, com a sua abnegação para que sejam enfim colimadas as cabaes aspirações justas e nobres do povo desta terra, aspirações até hoje menosprezadas e deprimidas pelos que assaltam, com a escada da mediocridade, as posições mais elevadas da politica e da administração do Estado, de quem dependem infeliz e desgraçadamente o nosso valor moral e a riqueza publica.

Estamos sinceramente envaidecidos com esses rapazes da Tavola do Bom Humor, porque quando nos iniciamos nas letras, tambem fomos perdularios de energia em proveito de fulgidas idéas, de altaneiros pensamentos que nos arrebataram, em homenagem, vehementes aos sóes da nossa intellectualidade, desinteressados que sempre fomos a girar em torno de allucinações que eram a febre sacrosanta que nos alimentava hontem e que até hoje, para nosso conforto, nos alimenta ainda, mercê de Deus, e dos nossos mestres”.

INDICE

AUCTORES	PAGS.
Odorico Mendes	3
Sotero dos Reis	4
Gonçalves Dias	5
Joaquim de Souza Andrade	6
Joaquim Serra	7
Antonio Franco de Sá	8
M. Pinto de Sampaio	9
Commendador Antonio A. Rodrigues	10
Antonio Marques Rodrigues	11
Eduardo de Freitas	12
Caetano B. S. Gayoso	13
Antonio M. Carvalho Oliveira	14
Raymundo V. Moraes Rego	15
Raymundo A. Carvalho	16
Severiano A. d'Azevedo	17
José Pereira da Silva	18
Euclides Faria	19
Arthur Azevedo	20
Maria Azedo Mattos	21
José Pereira Leite	22

Joaquim A. P. Lisbôa	23
Francisco Castro	24
Raymundo V. Nina	25
Barbosa de Godois	26
Aluizio Azevedo	27
Raymundo Correia	28
Theophilo Dias	29
Coelho Netto	30
Adelino Fontoura	31
Hemeterio dos Santos	32
Augusto Britto	33
Pacifico Bessa	34
João F. Gromwell	35
Hugo Barradas	36
Hygino Cunha	37
Juvenio Auto Pereira	38
José Gregorio dos Reis	39
Fructuoso Ferreira	40
Antonio S. Rubin	41
Carlos Moraes Rego	42
Felippe Duarte	43
Napoleão Lobão	44
Catulo Cearense	45
Raymundo P. S. Campos	46
A. Reis Carvalho	47
Domingos Perdigão	48
Dunshee de Abranches	49
I. Xavier de Carvalho	50
Totó Rodrigues	51
João de Deus do Rego	52
Arthur Lemos	53
Achylles Lisbôa	54

Heraclyto Mattos	55
Raul C. Machado	56
Joaquim Belmont	57
Aluizio Porto	58
Ignacio Raposo	59
Antonio Lobo	60
Gonçalves Medeiros	61
Theodoro R. Junior	62
Alfredo C. Carvalho	63
Manuel Reis Carvalho	64
Altino Rego	65
Anna O. Santos	66
Raymundo N. Moraes	67
Manuel G. Gromwell	68
Miguel G. Tavares	69
Bidico de Rodrigues	70
Franciso Serra	71
Godofredo Vianna	72
Antonio Moraes Rego	73
Luzo Torres	74
Francisco Lisbôa	75
Antonio Costa Gomes	76
João Rodrigues	77
Alfredo de Assis	78
Agostinho Reis	79
Nascimento Moraes	80
Leoncio Rodrigues	81
B. de Vasconcellos	82
Walter W. Broadbent	83
Clodomir Cardoso	84
Mariana Luz	85
Americo Cesar	86

Laura Rosa	87
Viriato Correia	88
Hermílio Pereira	89
Vieira da Silva	90
Luiz Nascimento	91
Caetano Souza	92
Correia de Araujo	93
Maranhão Sobrinho	94
Fabiano Vieira	95
Domingos Barbosa	96
Octavio Galvão	97
Lemos Vianna	98
Vespasiano Rantos	99
Humberto de Campos	100
Nereu Bittencourt	101
Blandina Santos	102
Aura Mattos	103
Antonio Lopes	104
Agostinho R. d'Assumpção	105
Carlos Reis	106
Leslie Tavares	107
Apolinario Carvalho	108
Melchiades dos Santos	109
Eyther Pestana	110
Estevam Castro	111
Adalberto Silva	112
Arlindo Martins	113
Leonete Oliveira	114
Benú da Cunha	115
Augusto Almeida	116
Carlos Nascimento	117
Clodoaldo Cardoso	118

Mariano Chagas	119
Carvalho Guimarães	120
João Franco de Sá	121
Abdegard B. Correia	122
Clemente Guedes	123
Estolano Polary	124
Ulpiano Brandão	125
Chrysostimo De Souza	126
Clarindo Santiago	127
Hemeterio Leitão	128
Lectacio Jansen	129
Iran Teixeira	130
Affonso Cunha	131
Nunes Pereira	132
Antonio M. Palhano	133
José Sá Valle	134
Heraclyto Vespasiano	135
Oliveira Roma	136
João Teixeira	137
Raymundo Lopes	138
Silveira de Menezes	139
Victoriano Almeida	140
Hilton Fortuna	141
Alcide Costa	142
João C. Branco Almeida	143
Jayme do Egypto	144
Elpidio Santos	145
Ribamar Pinheiro	146
Francisco Santos	147
Luiza Nunes	148
Ruben Almeida	149
Orestes Mourão	150

Salles e Silva	151
Isaac Ferreira	152
Assis Garrido	153
Villela de Abreu	154
Concita Ferraz	155
J. Montano Pires	156
Souza Bispo	157
Almir Santos	158
Reis Perdigão	159
Matta Roma	160
B. Pires	161
Almeida Junior	162
Demosthenes Braga	163
Antonio Vasconcellos	164
Adelino Ribeiro	165
F. Souza e Silva	166
Edison Teixeira	167
Emilio Azevedo	168
Hermelindo Gusmão Filho	169
Carlos Castro Martins	170
José D. Barbosa	171
Vinicius Berredo	172
Lueano Reis	173
J. A. Vieira Dos Reis	174
Arnaldo Ferreira	175
Raymundo Saldanha	176
Antonio Vianna Souza	177
Durval Vidigal	178
Macieira Netto	179
Milton Paraíso	180
Rutilações de elmos	181





